



cuadernos
VIDA CRISTIANA

Ser quem você é

Como construir uma
personalidade feliz

WENCESLAO VIAL (ed.)

© Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei

“SER QUEM VOCÊ É”: COMO CONSTRUIR UMA PERSONALIDADE FELIZ

www.opusdei.org

Índice

— AUTORES

— APRESENTAÇÃO

— Uma personalidade que se identifique com Cristo

— Protagonistas da nossa vida

— O correto amor a nós mesmos

— Formar o caráter na virtude

— Coerência: edificar a ordem interior

— O diálogo com os demais

— Empatia: Sentir com os outros

— Crescer: um projeto em família (1)

— Crescer: um projeto em família (2)

— Os outros e eu: versos do mesmo poema

AUTORES

Alfonso Aguiló: foi diretor do Colégio Tajamar em Madri; é presidente da Confederação Espanhola de Centros de Educação (CECE). Publicou onze livros sobre educação e antropologia, traduzidos para vários idiomas.

Carlos Aixelà: sacerdote, graduado em humanidades e jornalismo, doutor em filosofia (Université de Montréal). Atualmente está estudando a obra teológica de Joseph Ratzinger segundo a noção de memória em Santo Agostinho (Pontifícia Universidade da Santa Cruz, Roma).

José María Barrio Maestre: Doutor em Filosofia. Professor da Universidade Complutense de Madri.

José Benito Cabaniña Magide: graduado em jornalismo e doutor em teologia pela Universidade de Navarra, foi capelão de várias residências universitárias em Pamplona, Madri e Valladolid. Atualmente, é capelão do Colegio Montealto, em Madri.

Javier Cabanyes Trufino: Doutor em Medicina, neurologista e professor de Psicopatologia na Universidade Complutense de Madri.

Juan Ramón García-Morato Soto: médico e sacerdote, doutor em Teologia; professor de Antropologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Navarra; capelão da Universidade (várias faculdades) desde 1985.

Javier Láinez: Reitor da Basílica de San Miguel em Madri. Graduado em Direito pela Universidade Complutense e Doutor em Filosofia. Por mais de 20 anos, trabalhou em tarefas educativas em diversas escolas e centros de ensino.

Javier Sesé: é sacerdote, formado em matemática e doutor em teologia. Professor de Teologia Espiritual na Universidade de Navarra desde 1985.

Rodolfo Valdés: sacerdote, doutor em Filosofia. Pesquisador na área de Ética e Formação da Pessoa.

Wenceslao Vial: Professor de Psicologia e Vida Espiritual na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade da Santa Cruz, Roma; sacerdote e médico, Doutor em Filosofia.

[Voltar ao índice](#)

APRESENTAÇÃO

Diz a história que os piratas que assolavam o Mediterrâneo na época do Império Romano eram severamente reprimidos. Pompeu Magno foi incumbido de acabar com eles, mas ele os tratou com humanidade. O elogio que esses bandidos lhe dirigiram em tons lisonjeiros e, certamente, interesseiros, foi: “quanto mais você age como um homem, mais parecido com os deuses você se torna”. Séculos mais tarde, essas palavras nos ajudam a pensar sobre nossa existência: a primeira coisa para forjar um bom caráter é agir como seres humanos. Somente com esta base pode surgir uma personalidade madura. Sobre os alicerces de um caráter forte e gentil, é possível construir uma vida espiritual rica, que trará benefícios a muitas outras pessoas.

Este livro é o resultado de um grupo interdisciplinar, com o objetivo de fornecer ideias para a formação da personalidade^[1]. Entre os autores, a variedade de interesses e campos de estudo é notável, o que enriquece o conteúdo. Teólogos, filósofos, padres, médicos, educadores, psicólogos... todos contribuem com sua própria ciência e experiência. Foram abordadas as características de um caráter maduro, dando prioridade aos aspectos da vida interior e do bom senso cristão. Embora as situações descritas e as explicações abarquem uma ampla variedade de circunstâncias, os textos foram elaborados de forma especial para as pessoas que estão passando por momentos cruciais de desenvolvimento da personalidade, entre 15 e 30 anos de idade (adolescentes e jovens adultos), e para quem, de uma forma ou de outra, participa de sua formação.

Tudo no universo segue regras precisas: desde o desenvolvimento de uma semente que se transforma em caule, folhas e frutos, até o movimento das estrelas e a disposição das galáxias. A extraordinária semelhança dos processos humanos, de raças e culturas diferentes, também é impressionante.

Ao listar os sinais de uma personalidade madura, percebemos que a ordem alfabética também refletia a ordem deles na personalidade. Essa foi a ordem que escolhemos para a estrutura do livro que apresentamos.

O primeiro texto, introdutório, explica o que é personalidade, o que significa maturidade e temperamento. São apresentadas algumas características positivas, em que o modelo é Cristo e se fazem referência ao poder transformador da graça ao longo do tempo. Baseamo-nos na convicção de que a maturidade não é “apenas o desenvolvimento de algo já contido no código genético”; e que “a prudência, o reto juízo e a sensatez não dependem de fatores puramente quantitativos de crescimento, mas de toda uma cadeia de elementos que se sintetizam no íntimo da pessoa; mais exatamente, no centro da sua liberdade”^[2].

A seguir, há uma sequência lógica de artigos que abordam outros sinais de maturidade. Autonomia e dependência saudável que nos fazem sentir livres e responsáveis, com uma missão ou projeto, conscientes de que muitas coisas grandes dependem de nós. Autoestima de quem sabe que é filho de Deus, tolera pequenos ou grandes fracassos, administra os sucessos e sabe confiar. Bondade de vida daqueles que são guiados por ideais e valores, com o exercício da virtude, sem perfeccionismo. Coerência e unidade de vida, de acordo com o projeto pessoal. Diálogo ou manter relações cordiais com todos, saindo de si mesmo, sem se limitar a buscar o equilíbrio do ego. Empatia ou capacidade de sintonizar com os outros, compreendê-los, ter compaixão, dizer a verdade de modo amável. Pertencer a uma família, com espírito de cooperação e sacrifício, na qual há dedicação ao outro e se aprende um estilo próprio. Integração em um Grupo que nos leva a servir aos outros e a ser acolhedores.

A última parte é como uma síntese: Identidade, saber quem somos, conhecer o projeto da própria vida e tentar se identificar com ele, está presente no início, durante e no final do processo de maturidade. Abre caminho para a descoberta de que o plano de Deus para o homem e a mulher vai além do humano. A maturidade cristã também pode ser resumida em ordem alfabética: Amar o Bem em Cristo. O projeto se torna uma luta serena para amar a todos, para ser quem realmente somos..., indispensável para ser santo: esse é o amor autêntico, porque “às vezes, fala-se do amor como se fosse um impulso para a satisfação própria, ou um simples recurso para completarmos em moldes egoístas a nossa personalidade. E não é assim: amor verdadeiro é sair de si mesmo, entregar-se”^[3].

Deixamos essas linhas nas mãos dos leitores, na esperança de que elas sejam um bom instrumento para se conhecer melhor e ajudar os outros de forma mais eficaz. Cada sinal de maturidade pode se tornar uma pergunta de exame: estou amadurecendo? Agradeço aos autores pelo importante esforço de reflexão e síntese, bem como a todos aqueles que leram o manuscrito e contribuíram com suas sugestões. Carlos Ayxelá e Rodolfo Valdés desempenharam um papel importante na revisão dos textos para dar-lhes mais unidade. Muitos, como Enrique Prada, enviaram suas contribuições. Um agradecimento especial ao padre e teólogo Javier Yániz por seu trabalho de promoção e coordenação.

Wenceslao Vial

^[1] As contribuições foram publicadas em www.opusdei.org.

^[2] FRANCISCO, Ex. Ap. *Amoris Laetitia*, 19/03/2016, n. 262.

^[3] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 43.

[Voltar ao índice](#)

Uma personalidade que se identifique com Cristo

Por que reajo deste modo? Por que sou assim? Sou capaz de mudar? São algumas das perguntas que alguma vez podem assaltar-nos. Às vezes, as consideramos em relação aos outros: por que tem esse modo de ser?... Vamos refletir sobre estas questões, olhando para o nosso objetivo: ser cada vez mais parecidos com Jesus Cristo, deixando-o operar em nossas vidas.

Este processo abarca todas as dimensões da pessoa, que ao divinizar-se conserva os traços do autenticamente humano, elevando estas características de acordo com a vocação cristã. Porque Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem: *perfectus Deus, perfectus homo*. NEle contemplamos a figura realizada do ser humano, pois «*Cristo Redentor (...) revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é — se assim é lícito exprimir-se — a dimensão humana do mistério da Redenção. Nesta dimensão o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade[1]*».

A nova vida que recebemos no Batismo está chamada a crescer **até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo[2]**.

O divino, o sobrenatural, é o elemento decisivo na santidade pessoal, que une e harmoniza todas as facetas do homem, mas não podemos esquecer que isto inclui, como algo intrínseco e necessário, o elemento humano: ***Se aceitamos a nossa responsabilidade de filhos de Deus, devemos ter em conta que Ele nos quer muito humanos. Que a cabeça toque o céu, mas os pés assentem com toda a firmeza na terra. O preço de vivermos cristãmente não é nem deixarmos de ser homens nem abdicarmos do esforço por adquirir essas virtudes que alguns têm, mesmo sem conhecerem Cristo. O preço de cada cristão é o Sangue redentor de Nosso Senhor, que nos quer - insisto - muito humanos e muito divinos, diariamente empenhados em imitá-lo, pois Ele é perfectus Deus, perfectus homo, perfeito Deus, perfeito homem[3]***.

A tarefa de formar o caráter

A ação da graça nas almas está unida ao crescimento da maturidade humana, o aperfeiçoamento do caráter. Por isso, ao mesmo tempo em que cultiva as virtudes sobrenaturais, um cristão que busca a santidade procurará alcançar os hábitos, modos de fazer e de pensar que caracterizam uma pessoa madura e equilibrada. O fim das suas ações será refletir a vida de Cristo, e não um simples empenho de perfeição. Por isso, São Josemaria anima a fazer exame de consciência: —***Filho, onde está o Cristo que as almas buscam em ti? Na tua soberba? Nos teus desejos de impor-te aos outros? Nessas mesquinhezes de caráter que não***

queres vencer? Nessa caturrice?... Está aí Cristo? - Não!! A resposta nos dá uma chave para empreender esta tarefa: —***De acordo: debes ter personalidade, mas a tua personalidade tem de procurar identificar-se com Cristo!***[4]

Na própria personalidade influi tanto o que se herda e se manifesta desde o nascimento, que costuma chamar-se temperamento, como os aspectos que se vão adquirindo pela educação, as decisões pessoais, o trato com os outros e com Deus, e muitos outros fatores, que inclusive podem ser inconscientes.

Deste modo, existem diferentes tipos de personalidades ou caráter – extrovertidos ou tímidos, vivazes ou reservados, despreocupados ou apreensivos, etc. –, que se expressam no modo de trabalhar, de relacionar-se com os outros, de considerar os acontecimentos diários.

Estes elementos influem na vida moral, pois facilitam o desenvolvimento de certas virtudes, mas também podem facilitar o aparecimento de defeitos, se faltar o empenho por moldar o temperamento. Por exemplo, uma personalidade empreendedora pode ajudar a cultivar a laboriosidade, desde que ao mesmo tempo se viva uma disciplina que evitará o defeito da inconstância e do ativismo.

Deus conta com nossa personalidade para levar-nos por caminhos de santidade. O modo de ser de cada um é como uma terra fértil que precisa ser cultivada: basta tirar com paciência e alegria as pedras e as ervas daninhas que impedem a ação da graça, e começará a dar *frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um*[5].

Cada um pode fazer render os talentos que recebeu das mãos de Deus, se se deixa transformar pela ação do Espírito Santo, forjando uma personalidade que possa refletir o rosto de Cristo, sem que isto tire nada de suas próprias características, pois ***diferentes são os santos do Céu, que têm cada um as suas notas pessoais e especialíssimas***[6].

Temos de reforçar e aperfeiçoar a personalidade para ajustar-se a um estilo cristão, mas não se pode pensar que o ideal seria converter-se em uma espécie de "super-homem" Na verdade, o modelo é sempre Jesus Cristo, que possui uma natureza humana igual à nossa, porém perfeita em sua normalidade e elevada pela graça.

Naturalmente, encontramos um exemplo sublime também na Virgem Maria: nela se dá a plenitude do humano... e da normalidade. A proverbial humildade e simplicidade de Maria, talvez suas virtudes mais valorizadas em toda a tradição cristã, unidas à proximidade, afeto e ternura com todos os seus filhos – que são virtudes de uma boa mãe de família –, são a melhor confirmação deste fato: a perfeição de uma criatura – ***Mais que tu, só Deus!***[7] –, tão plenamente humana, tão encantadoramente mulher: a Senhora por excelência!

Maturidade humana e sobrenatural

A palavra "maturidade" significa primeiramente estar maduro, pronto, e por extensão refere-se à plenitude do ser. Implica também o cumprimento da tarefa em si. Por isso, na vida do Senhor encontraremos o melhor paradigma. Contemplá-la nos Evangelhos e ver como Cristo trata as pessoas, sua fortaleza ante o sofrimento, a decisão com que empreendeu a missão recebida do Pai, tudo isso nos dá o critério da maturidade.

Ao mesmo tempo, nossa fé incorpora todos os valores nobres que se encontram nas diversas culturas, e por isso também é útil assimilar, purificando-os, os critérios clássicos de maturidade humana. É algo que se fez ao longo da história da espiritualidade cristã, em maior ou menor grau, de forma mais ou menos explícita.

O mundo clássico greco-romano, por exemplo (que foi tão sabiamente cristianizado pelos Padres da Igreja), colocou no centro do ideal da maturidade humana especialmente a "sabedoria" e a "prudência", entendidas com diversos matizes. Os filósofos e teólogos cristãos daquela época enriqueceram esta concepção observando a primazia das virtudes teológicas, de modo especial a caridade como **vínculo da perfeição**[8], em palavras de São Paulo, e que dá forma a todas as virtudes.

Atualmente, o estudo sobre a maturidade humana se completou com diversas perspectivas oferecidas pelas ciências modernas. Suas conclusões são úteis na medida em que partem de uma visão do homem aberta à mensagem cristã.

Assim, alguns costumam distinguir três campos fundamentais na maturidade: intelectual, emotiva e social. Traços significativos de maturidade intelectual podem ser: um adequado conceito de si mesmo (proximidade entre o que uma pessoa pensa que é, e o que realmente é; a sinceridade consigo mesmo influi decisivamente nisso); uma filosofia correta da vida; estabelecer pessoalmente metas e fins claros, porém com horizontes abertos e ilimitados (em amplitude, profundidade e intensidade); um conjunto harmonioso de valores; uma clara certeza ético-moral; um realismo sadio ante o próprio mundo e alheio; a capacidade de reflexão e análise serena dos problemas; a criatividade e a iniciativa; etc.

Entre os traços de maturidade emotiva, sem nenhuma pretensão de exaustividade, cabe distinguir: saber reagir proporcionalmente ante os acontecimentos da vida, sem deixar-se abater pelo fracasso nem perder o realismo no sucesso; a capacidade de controle flexível e construtivo de si mesmo; o saber amar, ser generosos e dar-se aos outros; a segurança e firmeza nas decisões e compromissos; a serenidade e capacidade de superação ante os desafios e as dificuldades; o otimismo, a alegria, a simpatia e o bom humor.

Finalmente, como parte da maturidade social encontramos: o afeto sincero pelos outros, o respeito a seus direitos e o desejo de descobrir e aliviar suas necessidades; a compreensão da diversidade de opiniões, valores ou traços culturais, sem preconceitos; a capacidade de crítica e independência perante a cultura dominante, o ambiente, os grupos de pressão ou as modas; uma naturalidade no comportamento que leva a atuar sem convencionalismos; a ser capazes de ouvir e compreender; a disposição a colaborar com outros.

Um caminho para a maturidade

Poderíamos resumir essas características dizendo que a pessoa madura é capaz de desenvolver um projeto elevado, claro e harmonioso de sua vida, e possui as disposições positivas necessárias para realizá-lo com facilidade.

Em qualquer caso, a maturidade é um processo que requer tempo, e passa por diferentes momentos e etapas. Costumamos crescer de uma maneira gradual,

embora na história pessoal possa haver acontecimentos que levam a dar grandes saltos. Por exemplo: para alguns, o nascimento do primeiro filho é um marco divisório, ao perceber o que implica esta nova responsabilidade; ou, depois de passar por sérias dificuldades econômicas, uma pessoa pode aprender a reconsiderar quais são as coisas verdadeiramente importantes na vida; etc.

Neste caminho para a maturidade a força transformadora da graça faz-se presente. Basta um olhar sobre a vida das santas e dos santos mais conhecidos para detectar neles os ideais elevados, a certeza de suas convicções, a humildade – que é o mais adequado conceito sobre si mesmo –, sua criatividade e iniciativa, sua capacidade de entrega e amor feita realidade, seu otimismo contagioso, sua abertura – seu empenho apostólico, em última análise – eficaz e universal.

Podemos encontrar um exemplo claro na vida de São Josemaria que desde a juventude notava que a graça trabalhava nele consolidando uma personalidade madura. Percebia dentro de si mesmo, no meio das dificuldades, uma estabilidade de ânimo fora do comum: ***Creio que o Senhor pôs na minha alma outra característica: a paz: ter a paz e dar a paz, como vejo acontecer em pessoas com quem me relaciono ou que dirijo***[9]. Podiam ser aplicadas a ele, com toda justiça, aquelas palavras do salmo: ***Super senes intellexi quia mandata tua quaesivi***[10]: **sou mais sensato do que os anciãos, porque observo os vossos preceitos**. O que não exclui que, muitas vezes, adquire-se a maturidade com o tempo, os fracassos e os sucessos, que estão previstos pela Providência Divina.

Contar com a graça e o tempo

Embora seja possível observar que, em algum momento uma pessoa chegou a um estágio de maturidade em sua vida, a tarefa de trabalhar sobre o próprio modo de ser projeta-se ao longo da nossa caminhada terrena.

O autoconhecimento e a aceitação do próprio caráter darão paz para não desanimar nesta tarefa. Isto não significa ceder ao conformismo. Quer dizer reconhecer que o heroísmo da santidade não exige possuir uma personalidade perfeita agora, nem aspirar a um modo de ser idealizado, pois a santidade requer a luta paciente de cada dia, sabendo reconhecer os erros e pedir perdão.

As verdadeiras biografias dos heróis cristãos são como as nossas vidas: lutavam e ganhavam, lutavam e perdiam. E então, contritos, voltavam à luta[11]. O Senhor conta com o esforço sustentado ao longo do tempo para aperfeiçoar o próprio modo de ser. É significativo, por exemplo, aquilo que uma pessoa comentava sobre a serva de Deus Dora Del Hoyo já no final de sua: *«Dora, quem te viu e quem te vê. Olha que é outra! Riu. Sabia muito bem do eu que falava»* [12]. Tinha observado como, com os anos, seu caráter tinha atingido uma estabilidade de ânimo que conseguia moderar as reações de seu gênio.

Nesta tarefa contamos sempre com a ajuda do Senhor e os cuidados maternos de Santa Maria: *«Nossa Senhora realiza precisamente isto em nós, ajuda-nos a crescer humanamente e na fé, a ser fortes e a não ceder à tentação de ser homens e cristãos de modo superficial, mas a viver com responsabilidade, a tender sempre cada vez mais para o alto»*[13].

Nos próximos editoriais abordaremos diversos elementos envolvidos na formação do caráter. Destacaremos algumas das principais características da maturidade

cristã. Contemplaremos o edifício que o Espírito Santo, com a colaboração ativa de cada um, procura construir no interior da alma, e consideraremos as características dos alicerces, o que fazer para garantir a firmeza da estrutura, e como remediar a aparição de alguma fissura.

Forjar uma personalidade capaz de refletir claramente a imagem de Jesus Cristo é um desafio realmente entusiasmante!

J.Sesé

[1] São João Paulo II, Enc. *Redemptor Hominis*, n. 10.

[2] *Ef*, 4, 13

[3] Amigos de Deus, n. 75

[4] Forja, 468

[5] *Mt* 13, 8

[6] Caminho, 947

[7] Caminho, n. 496

[8] *Col* 3, 14

[9] São Josemaria, Apontamentos íntimos n. 1095, citado em Andrés Vázquez de Prada, O fundador do Opus Dei, Quadrante, p. 513

[10] Salmo 118

[11] É Cristo que passa, n. 76

[12] Lembranças de Rosalía López, Roma 29-IX-2006 (AGP, DHA, T-1058), citado en Javier Medina, Una luz encendida. Dora del Hoyo, Palabra, Madrid 2012, p. 115.

[13] Francisco, palavras após a oração do rosário na basílica de Santa Maria Maior, 4/05/2013

[Voltar ao índice](#)

Protagonistas da nossa vida

«Eu peço para serem protagonistas desta mudança. Continuem a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-lhes para serem construtores do mundo, trabalhem por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não 'olhem da sacada' a vida, entrem nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... 'Não olhem da sacada' a vida, mergulhem nela, como fez Jesus»[1]. Diante destas palavras do Papa Francisco aos jovens, surgem imediatamente algumas perguntas, que o próprio Romano Pontífice formulava a seguir: «Por onde começamos? A quem pedimos para iniciar isso? Por onde começamos? Por ti e por mim! Cada um, de novo em silêncio, se interrogue: se devo começar por mim, por onde princípio? Cada um abra o seu coração, para que Jesus lhe diga por onde começar»[2]. Para ser protagonistas dos acontecimentos do mundo é indispensável começar por ser protagonistas da nossa própria vida.

Livres e condicionados

Este protagonismo implica reconhecer que as circunstâncias familiares ou sociais influem em nosso caráter, mas não o determinam absolutamente. O mesmo é válido para os instintos mais básicos que provêm da constituição corporal, e também para a herança genética: assinalam algumas tendências, mas estas podem ser moldadas e orientadas através do exercício da vontade que segue a inteligência bem formada.

Nossa personalidade se forja na medida em que tomamos decisões livres, já que ações humanas não se dirigem unicamente a mudar nosso ambiente, mas também influem em nosso modo de ser. Embora às vezes aconteça de uma maneira não muito consciente, a repetição de atos faz que adquiramos certos costumes ou adotemos uma postura ante a realidade. Por isso, quando explicamos o porquê de nossas reações espontâneas, mais que dizer "é que sou assim", muitas vezes teríamos que admitir: "me tornei assim".

Temos condicionamentos que muitas vezes são difíceis de controlar, como a qualidade das relações familiares, o ambiente social em que crescemos, uma doença que nos limita de alguma maneira, etc. Frequentemente, não é possível ignorá-los ou remediá-los, mas pode-se mudar a atitude com que os enfrentamos, principalmente se formos conscientes de que nada fica fora dos cuidados providentes de Deus: ***É necessário repetir muitas e muitas vezes que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados por Deus, de todos espera amor***[3]. Em qualquer circunstância, inclusive com grandes limitações, podemos

dar a Deus e ao próximo obras de amor, por menores que pareçam. Não se pode medir o valor de um sorriso no meio da tribulação; do oferecimento da dor a Deus, procurando a união com a Cruz; da aceitação paciente das contrariedades! Um amor sem limites, mais forte que a dor, que a solidão, que o abandono, que a traição, que a calúnia, que o sofrimento físico e moral, que a própria morte, não pode ser vencido por nada.

Artífices da própria vida

Uma tarefa da nossa liberdade é descobrir os talentos pessoais, virtudes, capacidades, competências, agradecê-los e aproveitá-los. Porém, temos de recordar que o que mais estrutura a personalidade cristã são os dons de Deus, que incidem na parte mais íntima do nosso ser. Entre estes se encontra, de modo eminente, o imenso presente da filiação divina, que recebemos com o Batismo. Graças a ele, o Pai vê em nós a imagem - se bem que imperfeita, pois somos criaturas limitadas - de Jesus Cristo, que se torna cada vez mais clara com o sacramento da Confirmação, o perdão transformador da Penitência e, especialmente, a comunhão com seu Corpo e seu Sangue.

Partindo destes dons recebidos das mãos de Deus, cada pessoa, querendo ou não, é autora de sua existência. Nas palavras de São João Paulo II, « *todo o homem recebeu a tarefa de ser artífice da própria vida: de certa forma, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima*»[4]. Somos donos de nossos atos - o Senhor desde o princípio, criou o homem e o deixou nas mãos seu próprio arbítrio[5]; somos nós, se quisermos, que assumimos a direção das nossas vidas no meio de tormentas e dificuldades.

Somos livres! Experimentamos este descobrimento com alguma incerteza: para onde levarei a minha vida? Mas em primeiro lugar com alegria: **Deus, ao criar-nos, correu o risco e a aventura da nossa liberdade. Quis uma história que fosse uma história verdadeira, feita de autênticas decisões, e não uma ficção nem um jogo**[6]. Nesta aventura não estamos sós: contamos, em primeiro lugar, com a ajuda do próprio Deus, que nos propõe uma missão, e também com a colaboração dos outros: familiares, amigos, inclusive pessoas que cruzam casualmente conosco em algum momento da existência. O protagonismo na própria vida não implica negar que em muitos aspectos somos dependentes, e se considerarmos que esta dependência é recíproca, então poderíamos dizer que somos interdependentes. A liberdade, por si só, não é suficiente: fica vazia se não a utilizarmos para nos comprometermos com coisas grandes, magnânimas. Como veremos, a liberdade é para a entrega ou, dito de outro modo, só pode existir uma liberdade entregue.

Um caminho para percorrer

São Josemaria recordava um cartaz que encontrou em Burjasot (Valencia), pouco tempo depois do fim da guerra civil espanhola, com uma frase que muitas vezes citou em sua pregação: "*Cada caminhante siga o seu caminho*". Cada alma vive a sua própria vocação de um modo pessoal, com a sua própria marca: podemos **andar pela direita, pela esquerda, em zigue-zague, caminhando a pé, a cavalo. Há cem mil maneiras de ir pelo caminho divino**[7]. Cada pessoa é autora principal da sua história de santidade, cada uma tem seu selo distintivo, na

configuração de qualquer faceta da sua existência e da sua personalidade, evitando o simples "deixar-se levar" pelos fatos.

Livremente - como filhos, insisto, não como escravos -, seguimos a senda que o Senhor marcou a cada um de nós. Saboreamos esta liberdade de movimentos como uma dádiva de Deus [8]. Esta desenvoltura -soberania humana- vai de mãos dadas com a responsabilidade, do saber que somos "criaturas de Deus": um sonho divino que se torna realidade na medida em que experimentarmos o amor sem condições, que pede nossa resposta. O amor de Deus afirma nossa liberdade, e a eleva a altitudes impensáveis com sua graça.

Caminhar acompanhados

Dentro dos planos divinos, a vida foi feita para ser compartilhada: o Senhor conta com a ajuda mútua entre os seres humanos. Constatamos isso, de fato, todos os dias: quantas vezes nem sequer somos capazes de satisfazer as necessidades mais básicas e primárias de maneira individual. Ninguém pode ser completamente autônomo. Num nível mais profundo, todas as pessoas notam essa necessidade de abrir-se a outra pessoa, de compartilhar a existência, de dar e receber amor. *«Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Continuamente entra na minha existência a vida dos outros: naquilo que penso, digo, faço e realizo. E, vice-versa, a minha vida entra na dos outros: tanto para o mal como para o bem»[9].*

Esta natural abertura para os outros chega ao seu auge nos planos redentores do Senhor. Quando recitamos o Símbolo dos Apóstolos, confessamos que cremos na comunhão dos santos, comunhão que é o núcleo da Igreja. Por isso, na vida espiritual, também é indispensável aprender a contar com a ajuda dos outros, que estão implicados de um modo ou de outro em nossa relação com Deus: recebemos a fé através dos ensinamentos de nossos pais e catequistas; participamos dos sacramentos que celebra um ministro da Igreja; acudimos ao conselho espiritual de outro irmão na fé, que também reza por nós; etc.

Saber que caminhamos acompanhados na vida cristã enche-nos de alegria e tranquilidade, sem que diminua nosso próprio empenho por alcançar a santidade. Mesmo que muitas vezes nos deixemos levar pelas mãos, nosso papel não se limita a isso. São Josemaria, ao referir-se à vida espiritual, manifestava que ***o conselho não elimina a responsabilidade pessoal.*** E concluía: ***a direção espiritual deve tender a formar pessoas de critério[10].*** Por isto, não queremos que tomem resoluções por nós, nem deixar de pôr esforço nas tarefas que assumimos.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos a ajuda indispensável dos outros, temos de ser conscientes de que, na vida espiritual é o Senhor quem atua através deles para transmitir-nos a sua luz e força. Isto nos dá segurança para continuar caminhando para a santidade quando, por um motivo ou outro, faltam aquelas pessoas que tinham um papel importante na nossa vida cristã. Neste sentido, também temos uma profunda liberdade de espírito em relação às pessoas que Deus pôs ao nosso lado, a quem amamos pelo coração de Cristo, e cujo apoio agradecemos profundamente.

Livres para amar sem condições

Os cristãos sabemos que a plenitude pessoal chega como fruto da livre e total disponibilidade aos desejos do Amor de um Deus Criador, Redentor e Santificador. Os dons que recebemos alcançam seu rendimento máximo ao abrirmos à graça de Deus, como confirma a experiência de tantos santos e santas. Ao deixarem que o Senhor entrasse nas suas vidas, souberam pôr-se amorosamente a seu serviço, como Santa Maria que, no momento da Anunciação pronuncia **a resposta firme: Fiat! - faça-se em mim segundo a tua palavra! -, o fruto da melhor liberdade: a de decidir-se por Deus[11].**

Quando uma pessoa decide-se por Deus, empenha seus sonhos e energias no que vale mais a pena. Percebe o sentido último da liberdade, que não está simplesmente em poder escolher uma coisa ou outra, mas em dispor da vida para algo grande, aceitando compromissos definitivos. Dedicar as próprias qualidades a seguir a Cristo, mesmo que implique recusar outras opções, traz felicidade, o cem por um na terra e a vida eterna[12]. Reflete também um alto grau de maturidade interior, pois só quem tem uma personalidade com convicções é capaz de comprometer-se de uma maneira total: **Livremente, sem coação alguma, porque me apetece, eu me decido por Deus[13].**

Abandonar passado, presente e futuro no Senhor

A alma que opta por Deus move-se com uma paz interior que supera qualquer tribulação. Sei em quem acreditei[14]: são palavras que expressam a confiança de São Paulo em meio às dificuldades por ser fiel à sua vocação de apóstolo das gentes. Quem põe o fundamento no Senhor goza de uma segurança inquebrantável, e isto lhe permite doar-se também aos outros: vivendo o celibato por motivos apostólicos, no matrimônio ou em tantos outros caminhos que pode levar a existência cristã. É uma entrega que envolve presente, passado e futuro, como rezava São Josemaria: **Senhor, meu Deus! Em tuas mãos abandono o passado, o presente e o futuro, o pequeno e o grande, o pouco e o muito, o temporal e o eterno[15].**

Ninguém pode mudar o passado. No entanto, o Senhor pega a história de cada um, perdoa os pecados que possam ter existido através do sacramento da Reconciliação e reintegra harmoniosamente esses eventos na vida de seus filhos. Tudo é para o bem[16]: inclusive os erros que cometemos, se sabemos recorrer à misericórdia divina e, com a graça de Deus, procuramos viver no presente mais pendentes dEle. Assim se está também em condições de ver com confiança o futuro, pois sabemos que está nas mãos de um Pai que nos ama: quem está nas mãos de Deus, cai e se levanta sempre nas mãos de Deus!

Decidir-se por Deus é aceitar o seu convite para escrever nossa biografia com Ele. Reconhecendo humildemente a liberdade como um dom, aplicamo-la em cumprir, em companhia de tantas outras pessoas, a missão que o Senhor nos confia. E experimentamos com alegria que seus planos superam nossas previsões, como dizia São Josemaria a um jovem: **Deixa-te levar pela graça! Deixa teu coração voar! (...). Faça tua pequena novela: uma novela de sacrifícios e de heroísmos. Com a graça de Deus ficareis aquém[17].**

J.R. García-Morato

[1] Papa Francisco, Vigília de oração com os jovens (Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013)

[2] Ibid.

[3] São Josemaria Escrivá, É Cristo que passa, n. 110

[4] São João Paulo II, Carta aos artistas, n. 2

[5] Cfr. Sir, 15,14

[6] São Josemaria Escrivá, "As riquezas da fé", artigo publicado no jornal ABC, de Madri, em 02 de novembro de 1969.

[7] São Josemaria, Carta, 2 de fevereiro de 1945, n. 19

[8] São Josemaria Escrivá, Amigos de Deus, 35

[9] Bento XVI, Enc. Spe Salvi, n. 48

[10] São Josemaria Escrivá, Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá, n. 93

[11] São Josemaria Escrivá, Amigos de Deus, n. 25

[12] Mt 19, 29

[13] São Josemaria Escrivá, Amigos de Deus, n. 35

[14] 2 Tim 1,12

[15] São Josemaria Escrivá, Via Sacra, VII estação, n. 3

[16] Rom 8,28

[17] São Josemaria, anotações tomadas numa tertúlia, 29/11/1974 (AGP, biblioteca, P04, p. 45).

[Voltar ao índice](#)

O correto amor a nós mesmos

Porque vós sabeis que não é por bens perecíveis, como a prata e o ouro, que tendes sido resgatados (...) mas pelo precioso sangue de Cristo[1]. São Pedro recorda aos primeiros cristãos que a sua existência tem um valor incomensurável, pois foi objeto do amor abundante do Senhor, que os redimiu. Cristo, com o dom da filiação divina, dá segurança aos nossos passos pelo mundo. Assim o manifestava com espontaneidade São Josemaria a um jovem: **“Padre” – dizia-me aquele rapagão (que será feito dele?), bom estudante da Central –, “estava pensando no que o senhor me falou..., que sou filho de Deus! E me surpreendi, pela rua, de corpo “emproado” e soberbo por dentro... Filho de Deus!” Aconselhei-o, com segura consciência, a fomentar a “soberba”[2].**

Conhecer a grandeza da nossa condição

Como entender esse fomentar a “soberba”? Certamente, não se trata de imaginar virtudes que não se têm, nem de viver com um sentido de autossuficiência que mais cedo ou mais tarde vai nos atraiçoar. Consiste em conhecer a grandeza da nossa condição: o ser humano é a “única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma”[3]; criado à sua imagem e semelhança, está chamado a levar esta imagem à plenitude ao identificar-se cada vez mais com Cristo pela ação da graça.

Esta vocação sublime fundamenta o bom amor a si mesmo que está presente na fé cristã. Com a luz dessa fé, podemos julgar os nossos sucessos e fracassos. A aceitação serena da própria identidade condiciona a nossa forma de estar no mundo e de agir nele. Além disso, contribui para a confiança pessoal que diminui os medos, precipitações e inibições, facilita a abertura aos outros e a novas situações, e fomenta o otimismo e a alegria.

A ideia positiva ou negativa que temos de nós mesmos depende do conhecimento próprio e do cumprimento das metas que cada um se propõe. Estas surgem, em boa parte, dos modelos de homem ou mulher que desejamos alcançar e que se apresentam de diferentes modos, por exemplo, na educação recebida em casa, nos comentários dos amigos e conhecidos, nas ideias predominantes em uma determinada sociedade. Por isso, é importante definir quais são os nossos pontos de referência, já que se forem altos e nobres, contribuirão para uma autoestima adequada. E convém identificar quais são os modelos que circulam na nossa cultura porque, mais ou menos conscientemente, influem em como nos avaliamos.

Perguntar-se pelos modelos

Acontece, em algumas ocasiões, que formulamos um juízo distorcido sobre nós mesmos por termos admitido critérios sobre o sucesso que podem ser pouco realistas e inclusive nocivos: a eficácia profissional a qualquer preço, relações afetivas egocêntricas, estilos de vida marcados pelo hedonismo. Podemos nos supervalorizar depois de alguns sucessos, que nos parecem reconhecidos pelos outros; mas também nos pode acontecer o contrário: subestimamo-nos, quando não alcançamos determinados objetivos ou não nos sentimos valorizados em certos ambientes. Estas avaliações erradas são, em grande parte, consequência de olhar demais para aqueles que qualificam a trajetória pessoal exclusivamente em função do que a pessoa consegue, tem ou possui.

Para evitar os riscos anteriores, vale a pena perguntar-nos quais são os nossos pontos de referência na vida profissional, familiar, social e se são compatíveis com uma perspectiva cristã da vida. Sabemos, também, que o modelo mais perfeito, completo e plenamente coerente é Jesus Cristo. Ver nossa vida à luz da vida d'Ele é o melhor modo de nos avaliarmos, pois sabemos que Jesus é um exemplo próximo, com quem temos uma relação pessoal – de um eu com um Você – por meio do amor.

Autoconhecimento: com a luz de Deus

Para julgar-se com sinceridade, é imprescindível conhecer-se. Esta tarefa é complexa e requer um aprendizado que, de certa forma, não termina nunca. Começa por superar uma perspectiva exclusivamente subjetiva – “a meu ver”, “na minha opinião”, “acho”... – para ter em consideração outros pontos de vista. Se nem sequer sabemos com exatidão como é nossa voz ou a nossa aparência física, e precisamos usar ferramentas de gravação de voz ou um espelho, é mais indispensável ainda admitir que não somos os melhores juízes para avaliar a nossa própria personalidade!

Além da reflexão pessoal, conhecer-se é fruto do que os outros nos ensinam sobre nós. Conseguimos isso quando sabemos abrir-nos a quem pode nos ajudar – um grande recurso é a direção espiritual pessoal! –, aceitando as suas opiniões e considerando-as em relação a um bom ideal de vida. Nesse âmbito também influenciam a interação com as pessoas que convivem conosco, as modas e costumes da sociedade. Um ambiente que promove a reflexão favorece o desenvolvimento dos recursos de introspecção; enquanto outro com um estilo de vida superficial limita esse desenvolvimento.

Convém, portanto, fomentar hábitos de reflexão e nos perguntar como Deus nos vê. A oração é um tempo oportuno, pois ao mesmo tempo em que conhecemos ao Senhor nos conhecemos com a sua luz. Entre outras coisas, procuraremos compreender os comentários e conselhos que recebemos dos outros. Em algum caso, saberemos distanciar-nos dos juízos de outras pessoas quando notamos que os realizam sobre fundamentos pouco objetivos, ou talvez de uma maneira pouco reflexiva, especialmente se julgam segundo critérios que não são compatíveis com o querer de Deus. É preciso saber escolher a quem prestar mais atenção, pois como diz a Escritura: *É melhor ser repreendido pelo sábio do que alegrar-se com o canto dos insensatos*[4].

Por outro lado, como todos somos em parte responsáveis pela autoestima das pessoas que nos rodeiam, temos de nos esmerar para que as nossas palavras

sejam um reflexo da consideração por cada um, que é filho de Deus. Especialmente se tivermos uma posição de autoridade ou de guia (na relação pai-filho, professor-aluno, etc.) os conselhos e indicações contribuem para reafirmar nos outros a convicção dos próprios valores, inclusive quando é preciso corrigir com clareza. Esse é o ponto de partida, o oxigênio para que a pessoa cresça respirando por si mesma, com esperança.

Aceitação pessoal: o Senhor nos ama assim

Ao considerar o nosso modo de ser à luz de Deus, estamos em condições de nos aceitarmos como somos: com talentos e virtudes, mas também com defeitos que admitimos humildemente. A verdadeira autoestima implica reconhecer que nem todos são iguais e aceitar que outras pessoas podem ser mais inteligentes, tocar melhor um instrumento musical, ser mais atléticas... Todos temos boas qualidades que podemos desenvolver e, o que é mais importante, todos somos filhos de Deus. Nisso consiste a genuína autoaceitação, o sentido positivo do amor próprio do cristão que quer servir a Deus e aos outros, rejeitando as comparações excessivas que poderiam nos levar à tristeza.

Também nos aceitaremos como somos se não perdemos de vista que Deus nos ama com as nossas limitações, que fazem parte do nosso caminho de santificação e são matéria da nossa luta. O Senhor nos escolhe, como os primeiros Doze: ***homens comuns, com defeitos, com fraquezas, com a palavra mais fácil que as obras. E, entretanto, Jesus chama-os para fazer deles pescadores de homens, corredores, administradores da graça de Deus***[5].

Diante dos sucessos e dos fracassos

Com base nessa perspectiva sobrenatural, contemplam-se com maior profundidade o nosso modo de ser e a nossa trajetória biográfica, compreendendo todo o seu sentido. Relativizamos, com uma visão de eternidade, os sucessos e as conquistas temporais. Então, se nos alegamos com o sucesso na nossa atividade, sabemos também que o mais importante é que esta tenha servido para crescer em santidade. É o realismo cristão, maturidade humana e sobrenatural, que, do mesmo modo que não se deixa levar pela exaltação, que pode provocar o triunfo ou elogios, não se deixa levar pelo pessimismo diante de uma derrota. Como ajuda dizer, como São Pedro, que fizemos o *bemem nome de Jesus Cristo Nazareno!*[6]

Ao mesmo tempo, admitir que as dificuldades externas e as próprias imperfeições limitam as nossas conquistas é um dos aspectos que dá forma à nossa autoestima, fundamenta a maturidade pessoal e abre as portas do aprendizado. Só podemos aprender com o reconhecimento das nossas carências e com a atitude de extrair experiências positivas do que aconteceu. ***Fracassaste! – Nós nunca fracassamos. – Puseste por completo a tua confiança em Deus. Não omitiste, depois, nenhum meio humano. Convence-te desta verdade: o teu êxito – agora e nisto – era fracassar. – Dá graças ao Senhor e... torna a começar!***[7]. Estamos em condições de empreender o caminho da Cruz, que mostra os paradoxos da fortaleza da fraqueza, a grandeza da miséria e o crescimento na humilhação, e ensina sua extraordinária eficácia.

Trabalhar com segurança e saber retificar

A segurança pessoal é mais firme quando nos apoiamos em saber-nos filhos amados de Deus, e não na certeza obter o sucesso, que muitas vezes foge de nós. Essa convicção permite tolerar o risco que acompanha qualquer decisão, superar a paralisia da insegurança e ter uma atitude de abertura à novidade. ***Não é prudente quem nunca se engana, mas quem sabe retificar os seus erros. Esse é prudente porque prefere não acertar vinte vezes a deixar-se levar por um cômodo abstencionismo. Não atua com tresloucada precipitação ou com absurda temeridade, mas assume o risco das suas decisões e não renuncia a conseguir o bem por medo de não acertar***[8].

Partindo das limitações pessoais e da capacidade de aprender do ser humano, retificar supõe uma melhoria, um enriquecimento pessoal que, por sua vez, reverte nas coisas e pessoas que nos rodeiam, contribuindo simultaneamente a aumentar a confiança em nós mesmos e no ambiente em que vivemos. Quem se põe nas mãos do Pai celestial está seguro, pois *todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*[9], inclusive as quedas, quando pedimos perdão ao Senhor e, com a sua graça, nos levantamos com mais humildade. Deste modo, saber retificar faz parte do processo de conversão: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, (Deus aí está) fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda iniquidade*[10].

Uma virtude indispensável

A autoestima cresce, em síntese, com a ajuda da humildade, ***porque é a virtude que nos ajuda a conhecer simultaneamente a nossa miséria e a nossa grandeza***[11]. Quando falta essa atitude da alma, não é raro que apareçam problemas de estima pessoal. Mas quando se cultiva, a pessoa se enche de realismo, e se avalia de modo certo: não somos homens nem mulheres impecáveis, mas também não somos seres corrompidos! Somos filhos de Deus, e, acima das nossas limitações, temos uma dignidade inesperada.

A humildade gera um ambiente interior que permite conhecer-nos como somos e nos impulsiona a procurar sinceramente o apoio dos outros, ao mesmo tempo que os damos o nosso. Em última análise, todos e cada um de nós necessitamos de Deus, em quem *vivemos, nos movemos e existimos*[12], que é Pai misericordioso e vela continuamente por nós. Quanta segurança e confiança existiram na vida de Santa Maria! Ela pôde dizer *realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo*[13] por ser muito consciente da sua *humildade de escrava de Deus*[14]. Nela, humildade e consciência da grandeza da própria vocação se conjugam maravilhosamente.

J. Cavanyes

[1] 1 Pe 1, 18-19.

[2] *Caminho*, n. 274.

[3] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 24.

[4] *Ecl* 7,5.

[5] *É Cristo que passa*, n. 2.

[6] *At* 3,6.

[7] *Caminho*, n. 404.

[8] *Amigos de Deus*, n. 88.

[9] *Rm* 8,28.

[10] *1 Jo* 1,8-9.

[11] *Amigos de Deus*, n. 94.

[12] *At* 17,28.

[13] *Lc* 1, 49.

[14] *Lc* 1, 48.

[Voltar ao índice](#)

Formar o caráter na virtude

«Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante dele, suplicou-lhe: "Bom Mestre, que farei para alcançara vida eterna?» [1]. Nós, discípulos do Senhor, presenciamos a cena com os Apóstolos, e talvez nos surpreendamos diante da resposta: «Por que me chamas bom? Só Deus é bom» [2]. Jesus não dá uma resposta direta. Com suave pedagogia divina, quer conduzir aquele jovem para o sentido último de suas aspirações: «Jesus mostra que a pergunta do jovem é, na verdade, uma *pergunta religiosa*, e que a bondade que atrai e simultaneamente vincula o homem, tem a sua fonte em Deus, mais, é o próprio Deus, o único que é digno de ser amado "com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente"». [3]

Para entrar na Vida

Logo, o Senhor retorna àquela consulta audaz: o que devo fazer? «Se queres entrar na vida, – responde – observa os mandamentos» [4]. Tal como o apresentam os evangelhos, o jovem é um judeu piedoso que poderia ter ido embora satisfeito com esta resposta; o Mestre confirmou suas convicções, porque o remete aos mandamentos que observou desde a sua adolescência [5]. Porém, quer ouvi-lo da boca deste novo Rabi que ensina com autoridade. Intui, e não se engana, que pode abrir-lhe horizontes inéditos. «Quais?» [6], pergunta. Jesus recorda-lhe os deveres relacionados com o próximo: «Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, amarás teu próximo como a ti mesmo» [7]. São os preceitos – a chamada segunda tábua – que protegem «*bem* da pessoa, imagem de Deus, mediante a proteção dos seus *bens*» [8]. Constituem a primeira etapa, a via para liberdade, não a liberdade perfeita, como observa Santo Agostinho [9]; dito de outro modo, são a fase inicial no caminho do amor, mas não no amor maduro, plenamente realizado.

Que me falta ainda?

O jovem conhece e vive estas prescrições, mas algo em seu interior pede-lhe mais; tem que haver – pensa – algo mais que possa fazer. Jesus lê no seu coração: «fixou nele o olhar, amou-o» [10]. E lança o maior desafio de sua vida: «Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu» [11]. Jesus Cristo pôs aquele homem perante a sua consciência, a sua liberdade, o seu desejo de ser melhor. Não sabemos até que ponto entendeu as exigências do Mestre, apesar de que pela sua pergunta – que me falta ainda? –, parece que teria esperado outras “coisas para fazer”. As suas disposições são boas, embora talvez ainda não houvesse entendido a necessidade de interiorizar o sentido dos mandamentos do Senhor.

A vida a que Deus chama não consiste somente em fazer coisas boas, mas em «ser bons», virtuosos. Como costumava precisar nosso Padre [12], não basta ser *bonzinhos*, mas retos, de acordo com o panorama imenso – “só Deus é bom” [13] – que Jesus abre diante de nós.

A maturidade cristã implica tomar as rédeas da nossa vida, *perguntar-nos de verdade*, diante de Deus, o que ainda nos falta. Estimula-nos a sair do cômodo refúgio de quem é um *cumpridor* da lei para descobrir que o que importa é seguir Jesus, apesar dos próprios erros. Deixamos então que seus ensinamentos transformem nosso modo de pensar e de sentir. Experimentamos que nosso coração, antes pequeno e encolhido, se dilata com a liberdade que Deus pôs nele: «correrei pelo caminho de vossos mandamentos, porque sois vós que dilatais meu coração» [14]

O desafio da formação moral

O jovem não esperava que “a coisa que faltava” era precisamente pôr a sua vida aos pés de Deus e dos outros, perdendo sua segurança de *cumpridor*. E se afastou triste, como acontece a todo aquele que prefere seguir exclusivamente a sua própria rota, em vez de deixar que Deus o guie e surpreenda. Deus nos chamou para viver com sua liberdade – «*hac libertate nos Christus liberavit*» [15] – e, no fundo, nosso coração não se conforma com menos.

Amadurecer é aprender a viver de acordo com ideais altos. Não se trata simplesmente de conhecer uns preceitos ou adquirir uma visão cada vez mais afinada das repercussões dos nossos atos. Decidir-se a *ser bons* – santos, em última instância – supõe identificar-se com Cristo, sabendo descobrir as razões do estilo de vida que Ele nos propõe. Implica, portanto, conhecer o sentido das normas morais, que nos ensinam a que bens devemos aspirar, como devemos viver para alcançar uma existência plena. E isto se consegue incorporando as virtudes cristãs ao nosso modo de ser.

Os pilares do caráter

O saber moral não é um discurso abstrato, nem uma técnica. A formação da consciência requer um fortalecimento do caráter que se apoia sobre as virtudes como seus pilares. Estas assentam a personalidade, estabilizam-na, transmitem-lhe equilíbrio. Capacitam-nos a sair de nós mesmos, do egocentrismo, e dirigir o foco dos nossos interesses para fora de nós, para Deus e para os outros. A pessoa virtuosa está *centrada*, possui medida em todo, é reta, íntegra. Em troca, quem carece de virtudes dificilmente será capaz de empreender grandes projetos ou de realizar grandes ideais. Sua vida será feita de improvisações e oscilações, de modo que não será confiável, nem sequer para si mesma.

Cultivar as virtudes expande a nossa liberdade. A virtude não tem nada a ver com o acostumar-se ou com a rotina. É claro que não basta uma única ação para que um hábito operativo bom arraigue, para que se solidifique no nosso modo de ser e leve-nos a realizar o bem com mais facilidade. A repetição sucessiva ajuda os hábitos a se estabilizarem: tornamo-nos bons *sendo* bons. Repetir a resolução de estudar na hora marcada, por exemplo, faz que a segunda vez nos custe menos que a primeira, e a terceira menos que a segunda, mas é preciso perseverar na determinação de começar a estudar para manter o hábito de estudo, senão este se perde.

A renovação do espírito

As virtudes, humanas e sobrenaturais, orientam-nos para o bem, para o que satisfaz as nossas aspirações. Ajudam-nos a alcançar a autêntica felicidade, que consiste em unir-se a Deus: «Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste» [16]. Conferem facilidade para atuar de acordo com os preceitos morais, que não são vistos somente como normas a cumprir, mas como um caminho que conduz à perfeição cristã, à identificação com Jesus Cristo de acordo com o estilo de vida das bem-aventuranças, que são como o retrato de seu rosto e «falam de atitudes e disposições de fundo da existência» [17] que levam à vida eterna.

Abre-se, então, um caminho de crescimento na vida cristã, segundo as palavras de São Paulo: «transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito» [18]. A graça muda o modo de julgarmos os diversos acontecimentos, e dá-nos critérios novos para atuar. Progressivamente, aprendemos a ajustar nosso modo de ver as coisas à vontade de Deus, que se expressa também na lei moral, de modo que amamos o bem, a vida santa, e saboreamos «o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito» [19]. Alcança-se uma maturidade moral e afetiva com sentido cristão, que leva a apreciar com facilidade o que é autenticamente nobre, verdadeiro, justo e belo, e a repelir o pecado, que ofende a dignidade dos filhos de Deus.

Este caminho leva a formar, como dizia São Josemaria, uma «alma de critério» [20]. Mas, quais são as características deste critério? Em outro momento, ele mesmo acrescenta: «o critério implica maturidade, firmeza de convicções, conhecimento suficiente da doutrina, delicadeza de espírito, educação da vontade» [21]. Que grande retrato da personalidade cristã! Uma *maturidade* que nos ajuda a tomar decisões com liberdade interior e fazê-las próprias, ou seja, com a responsabilidade de quem sabe prestar conta delas. Ter *convicções* fortes seguras, baseadas num conhecimento profundo da doutrina cristã que alcançamos através de aulas ou palestras de formação, leituras, reflexão e, especialmente, do exemplo dos outros, pois as «verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão» [22]. Isto é combinado com a *delicadeza de espírito*, que se traduz em afabilidade com as pessoas, e com a *educação da vontade*, que consiste em viver uma vida virtuosa. Uma «alma de critério», portanto, sabe perguntar-se nas diversas circunstâncias: o que espera Deus de mim? Pede luzes ao Espírito Santo, recorre aos princípios que assimilou, aconselha-se com quem pode ajudá-lo, e sabe atuar em consequência.

Fruto do amor

Assim entendido, o comportamento moral – que se concretiza em viver os mandamentos com a força da virtude – é fruto do amor, que nos compromete na busca e promoção do bem. Um amor assim vai além do sentimento, que por sua própria natureza é flutuante e fugaz: não depende dos humores do momento, do que me agrada, ou do que gostaria em determinada circunstância. Pelo contrário, amar e ser amado supõe uma doação de si, que se fundamenta na alegria que um coração sente ao saber-se amado por Deus e ao aspirar aos grandes ideais pelos quais vale à pena empenhar a liberdade: «Na entrega voluntária, em cada instante dessa dedicação, a liberdade renova o amor, e renovar-se é ser

continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios» [23]

A perfeição cristã não se limita ao cumprimento de umas normas, mas também não consiste no desenvolvimento isolado de capacidades como o autocontrole ou a eficiência. Impulsiona a entrega da liberdade ao Senhor, a responder ao seu convite: «vem e segue-me» [24], com a ajuda de sua graça. Trata-se de viver segundo o Espírito [25], movidos pela caridade, de modo que se deseja servir aos outros, e se compreende que a lei de Deus é o melhor caminho para praticar esse amor escolhido livremente. Não é questão de cumprir regras, mas de aderir a Jesus, de compartilhar a sua vida e o seu destino, obedecendo amorosamente à vontade do Pai.

Sem ser perfeccionistas

Este empenho por amadurecer em virtudes é alheio a qualquer desejo narcisista de perfeição. Lutamos por amor a nosso Pai Deus, é nEle que temos nosso olhar fixo e não em nós mesmos. Convém, portanto, descartar a tendência ao *perfeccionismo*, que talvez poderia surgir se considerássemos a nossa luta interior erroneamente de acordo com critérios de eficácia, precisão, rendimento..., muito em voga em alguns contextos profissionais, mas que diluem a vida moral cristã. A santidade consiste principalmente em amar a Deus.

De fato, a maturidade leva a harmonizar o desejo de atuar bem, com as limitações reais que experimentamos em nós mesmos e nas outras pessoas. Em algumas ocasiões podemos sentir vontade de dizer com São Paulo: «Não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que aborreço (...). Sou um homem infeliz! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?» [26]. Sem dúvida, não perdemos a paz, pois Deus nos diz o mesmo que ao Apóstolo: «Basta-te a minha graça» [27]. Enchamo-nos de agradecimento e esperança, pois o Senhor conta com as nossas limitações, contanto que nos impulsionem a converter-nos, a recorrer à sua ajuda.

De novo aqui, o cristão encontra uma explicação na primeira resposta de Jesus ao jovem: «Só Deus é bom» [28]. Da bondade de Deus vivemos nós, seus filhos. Ele nos dá a força para orientar toda nossa vida para o que realmente é valioso, compreender o que é bom e amá-lo, de nos prepararmos para a missão que Ele nos confiou.

J.M. Barrio e R. Valdés

[1]Mc 10, 17.

[2]Mc 10, 18.

[3]São João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor* (6-08-1993), n. 9. Cf. Mt 22, 37.

[4]Mt 19, 17.

[5]Cf. Mc 10, 20.

[6]*Mt* 19, 18.

[7]*Mt* 19, 18-19.

[8]São João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 13.

[9]Cf. *In Ioannis Evangelium Tractatus*, 41, 9-10 (cit. em *Veritatis splendor*, n. 13).

[10]*Mc* 10, 21.

[11]*Ibid.*

[12]Cf. *Caminho*, n. 337.

[13]*Mt* 19, 17.

[14]*Sl* 118 (119), 32.

[15]*Gal* 5, 1

[16]*Jo* 17, 3.

[17]São João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 16.

[18]*Rm* 12, 2.

[19]*Ibid.*

[20]*Caminho*, ao leitor.

[21]*Questões atuais do cristianismo*, n. 93.

[22]Bento XVI, Enc. *Spe salvi* (30-XI-2007), n. 49.

[23]*Amigos de Deus*, n. 31.

[24]*Mc* 10, 21.

[25]Cf. *Ga* 5, 16.

[26]*Rm* 7, 15.24

[27]*2 Cor* 12, 9.

[28]*Mt* 19, 17.

[Voltar ao índice](#)

Coerência: edificar a ordem interior

Quando Santo Agostinho, já ancião, escrevia “*pax omnium rerum tranquillitas ordinis*” – “a paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem”[1], fazia-o com base na experiência de quem levava anos vendo-se requisitado constantemente por todo tipo de tarefas: o governo pastoral da porção do Povo de Deus que estava aos seus cuidados; sua pregação abundante; os desafios de uma época convulsionada de mudanças sociais e culturais. Não é isso, pois, um aforismo escrito no sossego do retiro, mas no fragor da vida diária, com todos os seus imprevistos e vai e vens. A coerência desse santo era uma conquista cotidiana; com o passar dos dias, o seu esforço por “acertar o alvo” consolidava mais e mais o seu caráter.

Uma das características da personalidade madura é a capacidade de unir uma atividade intensa com a ordem e a paz interior. Alcançar este equilíbrio implica num certo esforço: São Josemaria também falava da sua luta nesse campo. “Queria te ver dentro da minha batina!” – dizia a uma pessoa que lhe falava das dificuldades que gerava o trabalho para cuidar da sua formação – Porque também eu tenho muitas tarefas. Em cima dessa desordem temos de edificar a ordem”[2]. A ordem, a coerência da nossa vida, é um botim que vamos ganhando, moeda a moeda, na batalha de todos os dias: “começar pela tarefa menos agradável e mais urgente (...), ser perseverante no dever quando era tão fácil abandoná-lo, não deixar para amanhã o que temos de terminar hoje... E tudo isto para dar gosto ao Nosso Pai Deus!”[3]

O autodomínio

Essa batalha serena não tem a ver só com as coisas que usamos e as tarefas que encham nosso dia, mas também com o nosso coração. Sem essa pulsação interior, a ordem seria só gestão do tempo, “otimização de processos”, eficácia empresarial, porém não demonstraria autêntica maturidade cristã. A coerência do cristão se edifica num fluxo constante, de dentro para fora e de fora para dentro; cresce com o domínio de si, a ordem nas atividades, o recolhimento interior e a prudência.

Não ignoramos os obstáculos que existem para alcançar esta harmonia interior. Apesar de apreciarmos a grande atração que uma vida cristã plena constitui, muitas vezes, experimentamos tendências diversas e, às vezes, contrárias. São Paulo o expressou com força: “quando quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. Como homem interior, ponho toda a minha satisfação na Lei de Deus; mas sinto em meus membros outra lei, que luta contra a lei de minha mente e me aprisiona na lei do pecado, que está nos meus membros”[4]. Sentimos uma coisa e queremos outra, notamos que estamos divididos entre as coisas de que gostamos

e o que devemos fazer, e, às vezes, a nossa vista acaba perdendo um pouco de luz; inclusive podemos chegar a pensar que afinal, não importa sermos um pouco incoerentes, o que no fundo mostra que o nosso amor não é decidido.

E, no entanto, como brilha o louvor que Nosso Senhor fez a Natanael! “Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade”[5]. Quem procura conduzir-se de acordo com a voz de Deus que ressoa em sua consciência, inspira espontaneamente um grande respeito: as pessoas íntegras atraem, porque tudo nelas é autenticidade. Ao contrário, a vida dupla, as compensações – ainda que pequenas –, a falta de sinceridade, escurecem o rosto da nossa alma. Como todos estamos expostos a esses pequenos desvios de rumo, o caminho é sermos simples e corrigirmo-nos com perseverança; assim se evita o risco de acabar à deriva no alto mar da vida.

Para tocar a melodia de Deus

Se quisermos pôr ordem em nosso interior, não devemos desejar só que a nossa inteligência “domine” a imaginação e canalize a força dos sentimentos e afetos: temos que descobrir tudo o que esses companheiros de viagem podem e devem dizer. Dito de outra forma: não se pode corrigir a dissonância suprimindo uma das melodias: Deus nos fez polifônicos. O senhorio de si mesmo, também conhecido desde sempre como temperança, não é frieza cerebral: Deus nos quer com um coração que seja “grande, forte e terno, afetuoso e delicado”[6].

Com o coração podemos tocar uma música para o Senhor. Se quisermos interpretá-la bem, convém acertar o tom, como se afinam os instrumentos para que deem uma nota adequada. Trata-se de educar os afetos, de fomentar uma sensibilidade pelo que é autenticamente bom, porque responde a nosso ser pessoal, com todas as suas dimensões. Os sentimentos dão colorido à nossa vida e permitem perceber com maior riqueza o que acontece ao nosso redor. No entanto, do mesmo modo como um quadro saturado de cores sem equilíbrio não é agradável, ou um instrumento desafinado incomoda, o coração abandonado ao vai-e-vem sentimental racha a harmonia de nossa personalidade, e rompe, às vezes de modo importante, nossas relações com os outros.

São Josemaria aconselhava pôr “sete ferrolhos”[7] no coração. Em uma ocasião, explicava-o assim: “fechai-o com os sete ferrolhos que recomendo: um para cada pecado capital. Porém não deixeis de ter coração”[8]. A experiência acumulada de séculos, também nos lugares aonde o cristianismo não chegou, mostra que os afetos e os instintos sem controle podem arrastar-nos como as águas de uma enchente que espalha destruição por onde passa. Não se trata de anular a corrente, mas de fazer um trabalho parecido com o dos engenheiros que canalizam a água que desce das torrentes das montanhas para que movam uma turbina e produza eletricidade. Uma vez controlada a corrente – que poderia ter arrasado árvores e casas –, todos podem viver tranquilos e aproveitar essa eletricidade para iluminar e aquecer suas casas. Se nosso espírito não consegue controlar de maneira estável essas forças instintivas e afetivas de nossa natureza, não pode ter paz nem sossego: não pode existir vida interior.

Tomar as rédeas do nosso dia

Um passo importante para sermos senhores de nós mesmos é o de superar a preguiça, um vírus silencioso, porém eficaz, que pode nos paralisar pouco a pouco

se não o mantivermos na linha. A preguiça se fortalece em quem não tem um norte, ou também em quem, tendo-o, não começa a andar em sua direção. “Não confundas a serenidade com a preguiça, com o desleixo, com o atraso nas decisões ou no estudo dos assuntos”[9]. Pôr a cabeça no que requer nossa atenção, evitar fugir do que supõe um pouco de esforço, não deixar para depois o que podemos fazer agora... Sobre esses hábitos se constrói uma personalidade ágil, forte e serena.

Também convém estar atento ao outro extremo, o ativismo desordenado: “Filho, que tua atividade não esteja em muitas coisas: se te apressares, não estarás isento de delito; se perseguires, não alcançarás e, se correres, não escaparás”[10]. Maturidade de personalidade significa aqui ponderação, ordem em nossa atividade. Para que a vida não nos afogue com seus infinitos requerimentos, será melhor tomar a iniciativa para distribuir nossa atividade nos tempos adequados, ou seja, planejar – sem ficar quadriculados – dando prioridade ao que deve estar em primeiro lugar e não ao que aparece em cada momento. Assim evitamos que o urgente se sobreponha ao importante. Logicamente, não é preciso programar tudo, porém evitar que a improvisação leve à perda de tempo porque simplesmente nos dedicamos a correr atrás do que acontece durante o dia. Neste sentido, dizia São Josemaria que “é preciso ter ordem porque não temos tempo de fazer tudo de uma vez”.

Em nosso dia há alguns momentos chave que podemos fixar previamente: a hora de dormir, a hora de acordar, os tempos que vamos dedicar exclusivamente a Deus, a hora de trabalhar, a hora das refeições... Depois está o campo de fazer bem o que devemos fazer, com rendimento, atenção e perfeição, ou seja, com amor. “Cumpre o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes”[11]. Trata-se, em última análise, de um programa de santidade que não tem limites, porque se ordena a um grande fim: fazer feliz a Deus e aos outros. Ao mesmo tempo, esse amor que nos leva a ter um horário nos indicará quando devemos “quebrar” o plano, porque o bem de outras pessoas o exige, ou por tantos outros motivos que se apresentam com clareza para quem vive em presença Deus.

Cultivar o espaço interior

A interioridade é o centro vivo da pessoa, o que faz com que suas forças, qualidades, disposições de ânimo e ações formem uma unidade. Quem é capaz de viver dentro de si, de recolher os sentidos e potências até sossegar a alma, desenvolve uma personalidade mais rica, porque é mais capaz de relacionar-se, de dialogar. “O silêncio – dizia Bento XVI – é parte integrante da comunicação e sem ele não existem palavras com densidade e conteúdo”[12].

Para não limitar-se a nadar na superfície da vida, é preciso dedicar tempo a refletir sobre o que nos aconteceu, o que lemos, o que nos disseram, e, sobretudo as luzes que recebemos de Deus. Refletir alarga e enriquece nosso espaço interior: nos ajuda a integrar as diversas facetas de nossa vida – trabalho, relações sociais, descanso, etc. – com o projeto de vida cristã que realizamos com a ajuda do Senhor. Este hábito implica aprender a entrar em nossa alma, superando a pressa, a impaciência, a dispersão. Abre-se assim um espaço de meditação na presença de Deus: “Quem de nós, à noite, antes de terminar o dia, fica sozinho, e

faz-se a pergunta: o que aconteceu hoje no meu coração? O que aconteceu? Que coisas aconteceram através do meu coração?”[13].

Conseguimos esse sossego de espírito quando nos afastamos das tensões da vida e detemos a imaginação e as solicitações dos assuntos pendentes; quando detemos o ritmo da vida exterior e calamos tanto por fora como dentro de nós. Dessa maneira, nossos conhecimentos e experiências adquirem profundidade, aprendemos a admirar, a contemplar, a saborear os bens do espírito, a escutar a Deus. Com esta riqueza interior, quando saímos de nós poderemos desfrutar mais a comunicação com os outros, pois teremos algo pessoal, algo *nosso*, para contribuir.

No silêncio, poderemos escutar a voz do Senhor. Quando Deus quer passar diante de Elias no monte Horeb, a Sagrada Escritura nos diz que não estava na violência do furacão que quebrava as pedras, nem no tremor do terremoto, nem no fogo que o seguiu, mas numa brisa que mal se notava[14]. Calar-se é muito bom; não é nenhum vazio, mas vida autêntica e plena se permite estabelecer um diálogo íntimo com Deus. “Um fio sonoro de silêncio: assim se aproxima o Senhor, com a sonoridade do silêncio que é próprio do amor”[15].

A sabedoria do coração

“Inteligente é o que possui o coração sábio”[16]. A capacidade de recolhimento nos permite consolidar cada vez com mais profundidade os motivos que dirigem nossa vida. A coerência amadurece então como a fruta ao sol, e verte-se em nós o licor da sabedoria que nos ajuda a acertar em nossas decisões.

Nem sempre é necessário dar respostas imediatas ao que nos aparece. A prudência, muitas vezes, levará a informar-nos bem antes de julgar ou tomar uma decisão, porque, frequentemente, as coisas não são como parecem à primeira vista. Uma pessoa madura caracteriza-se por estudar os assuntos com atenção, recorrer à memória de experiências passadas com temas semelhantes e pedir conselho a quem está em condições de dá-lo. E, antes de tudo, algo que para um cristão é muito natural, quase um reflexo: *pedir conselho* a Deus: “não tomes uma decisão sem te deteres a considerar o assunto diante de Deus”[17]. Assim é mais fácil aplicar à situação concreta um juízo ponderado, sem ceder à superficialidade, à comodidade, ao peso da vida passada, ou à pressão do ambiente. E ter a valentia de tomar a decisão – ainda que toda decisão traga um risco – e de executá-la sem demoras, com a disposição de retificar, se mais tarde percebermos que nos enganamos.

A coerência cristã – fruto de uma interioridade cultivada – nos coloca em última instância em condições de entregar-nos a um ideal e de perseverar nele. “Senhor, dá-me graça para largar tudo o que se refira à minha pessoa. Eu não devo ter outras preocupações exceto a tua Glória..., numa palavra, o teu Amor. – Tudo por Amor!”[18].

José Benito Cabaniña – Carlos Ayxelà

Fotos de: Álvaro García Fuentes e Ismael Martínez

- [1] Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XIX, 13.1.
- [2] São Josemaria, Notas de uma reunião, 23/11/1972
- [3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, 67
- [4] Rm 7, 21-23.
- [5] Jo 1, 47.
- [6] São Josemaria, *Amigos de Deus*, 177.
- [7] São Josemaria, *Caminho* nn. 161, 188.
- [8] São Josemaria, Notas de uma reunião, Santiago de Chile, 30-VI-1974. Estes pecados “são chamados capitais porque geram outros pecados, outros vícios. São o orgulho, a avareza, inveja, a ira, a impureza, a gula, a preguiça ou acídia” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1866).
- [9] São Josemaria, *Forja*, 467.
- [10] *Eclo* 11,10.
- [11] São Josemaria, *Caminho*, 815.
- [12] Bento XVI, Mensagem para o 46º dia Mundial das Comunicações Sociais.
- [13] Papa Francisco, *Homilia*, 10/10/2014
- [14] Cfr. 1 Rs 19, 11-13.
- [15] Papa Francisco, *Homilia*, 12/12/2013
- [16] *Pr* 16,21
- [17] São Josemaria, *Caminho*, 266
- [18] São Josemaria, *Forja*, 247

[Voltar ao índice](#)

O diálogo com os demais

“A fornalha experimenta as jarras do oleiro; a prova do infortúnio, os homens justos. O cuidado aplicado a uma árvore mostra-se no fruto; assim a palavra manifesta o que vai no coração do homem” [1]. Uma característica essencial da maturidade é a capacidade de dialogar, uma atitude de abertura para os outros que se manifesta na cordialidade e num sincero desejo de aprender de cada pessoa.

“Conhecer outras pessoas e outras culturas nos faz sempre bem, nos faz crescer (...).O diálogo é muito importante para a nossa maturidade, pois no confronto com o outro, com as demais culturas, inclusive no confronto sadio com as outras religiões nós crescemos: crescemos e amadurecemos. Sem dúvida, há um perigo: se no diálogo nos fecharmos e nos irarmos, poderemos contestar; é o perigo da altercação, e isto não está bem, porque dialogamos para nos encontrarmos, não para impugnar. E qual é a atitude mais profunda que devemos ter para dialogar e não alterar? A mansidão, a capacidade de encontrar as pessoas, de encontrar as culturas com a paz; a capacidade de fazer perguntas inteligentes: «Mas por que pensas assim? Por que esta cultura é assim?». Ouvir o próximo e depois falar” [2].

Saber ouvir

A Sagrada Escritura elogia com abundância as pessoas que sabem ouvir, e despreza a atitude de quem não presta atenção nos outros. “Quem der atenção às repreensões salutares habitará entre os sábios.” [3], diz o livro dos Provérbios; e o apóstolo São Tiago aconselha “todo homem deve ser pronto para ouvir, porém tardo para falar e tardo para se irar” [4]. Em algumas ocasiões, os hagiógrafos empregam uma fina ironia: “falar a quem não ouve é como despertar alguém de um sono profundo” [5].

Uma dificuldade frequente para ouvir é que, enquanto outro fala, lembramo-nos de algo que tem a ver com o que nos contam, e estamos esperando para dizer “o nosso” quando houver uma pausa. Produzem-se então conversas, talvez animadas, nas quais uns tomam a palavra dos outros, porém ouve-se pouco.

Outras vezes, o problema é que a conversa não surge espontaneamente, e precisamos pôr empenho para criar o diálogo, com inteligência. Em tais casos, é preciso evitar a presunção, ou seja, a tendência a mostrar sempre a nossa perspicácia ou os nossos conhecimentos; pelo contrário, convém mostrar-nos abertos e receptivos, com desejo de aprender com os outros, para ampliar a nossa gama de interesses. Assim, ouviremos com atenção coisas que talvez inicialmente não nos interessassem muito, e isso não significa hipocrisia nossa: muitas vezes

constitui um esforço sincero para superar os próprios critérios, para agradar e aprender.

Saber conversar requer conjugar a audácia com a prudência, o interesse com a discrição, o risco com a oportunidade. É preciso não cair na superficialidade, estar disposto a retificar umas palavras precipitadas ou inoportunas que talvez tenham escapado, ou uma afirmação veemente que poderíamos ter ponderado melhor. Em qualquer caso, as boas conversas sempre deixam marca: depois as ideias, os argumentos expostos por uns e outros voltam à memória, surgem novas intuições, e nasce o desejo de continuar esse intercâmbio.

Abertura aos outros

É surpreendente comprovar como o espírito de algumas pessoas envelhece prematuramente, e em troca outras permanecem jovens e animadas até o fim de seus dias. Todos temos dentro de nós mesmos muitos recursos que ainda não usamos: talentos que não aproveitamos, forças que nunca testamos. Apesar de estarmos muito ocupados ou cansados, não podemos deixar de progredir, de aprender e de receber bem as ideias dos outros.

Convém sairmos de nós mesmos; abrimo-nos a Deus e, por Ele, aos outros. Então superaremos esse egocentrismo que às vezes nos leva a adaptar a realidade à limitação dos nossos interesses ou à nossa visão particular das coisas. E estaremos atentos a certos defeitos que surgem por falta de maturidade e criam distâncias com as pessoas: expressar-nos de modo categórico que não corresponde ao nosso conhecimento dos temas; manifestar nossas opiniões com um tom de censura para os outros; utilizar soluções pré-fabricadas ou conselhos repetitivos e desgastados; irritar-nos quando alguém não pensa como nós, embora depois digamos que somos a favor da diversidade e da tolerância; encher-nos de ciúme quando uma pessoa próxima se destaca em algo; exigir dos outros um nível de perfeição que excede a sua capacidade, e a que talvez nós mesmos não cheguemos; pedir sinceridade e franqueza, quando nós mesmos não aceitamos as correções.

Maturidade e senso crítico

Quando olhamos para os outros com carinho, muitas vezes percebemos que podemos ajudá-los com um conselho de amigo; diremos com confiança o que talvez outras pessoas também viram, mas não tiveram a lealdade de dizer-lhes. Só esse fundamento, a caridade, faz com que a correção ou a crítica seja verdadeiramente útil e construtiva: “quando tiveres de corrigir, faze-o com caridade, no momento oportuno, sem humilhar... e com ânimo de aprender e de melhorares tu mesmo naquilo que corriges” [6].

Para sermos capazes de ajudar os outros a mudar, é fundamental que em primeiro lugar nós mesmos saibamos mudar. Quando sabemos como é difícil melhorar, como custa e, ao mesmo tempo, como é importante e libertador, então é mais fácil observar os outros com objetividade e ajudá-los realmente. Quem sabe dizer as coisas claramente a si mesmo, sabe como e quando dizer aos outros, e também é capaz de ouvi-los com boa disposição.

Saber receber e aceitar a crítica é prova de grandeza espiritual e de profunda sabedoria: “Aquele que ama a correção ama a ciência, mas o que detesta a

reprimenda é um insensato” [7]. No entanto, aceitar o que os outros nos dizem não significa viver sempre atentos à crítica na nossa vida profissional ou social, dançando de acordo com o que disseram ou não sobre o que fazemos ou somos, porque essa preocupação se tornaria patológica. Às vezes, quem faz as coisas bem pode ser bastante criticado: censuram-no os que não fazem nada, porque veem sua vida e seu trabalho como uma acusação[8]; ou os que atuam de modo contrário, porque o consideram um inimigo; ou às vezes também os que fazem as mesmas coisas ou parecidas, porque ficam enciumados. Não faltam casos deste tipo, onde o que se deve fazer é “perdoar” os que não fazem nada e os que acham que não se pode fazer nada bom sem contar com eles. Nesses casos, como nos aconselhava São Josemaria, “é sinal de que vós e eu temos de saber calar, rezar, trabalhar, sorrir... e esperar. Não deem importância a essas insensatezes: amem de veras todas as almas. *Caritas mea cum omnibus vobis in Christo Iesu!*” [9]

A responsabilidade de dar exemplo

A maturidade combina a abertura para os outros com a fidelidade ao próprio caminho e aos próprios princípios, mesmo quando não somos aceitos no nosso ambiente ou ninguém nos dá atenção. É verdade que a indiferença que percebemos ao nosso redor pode ser um indicador de que talvez nós mesmos precisemos mudar algo, ou pelo menos explicar melhor. Porém há algumas coisas que não devem mudar nunca em nós, aconteça o que acontecer, escutem-nos ou não, recebendo elogios ou insultos, agradecimento ou desprezo, aprovação ou condenação: “esse contraste, porque confirma com as tuas obras a tua fé, é precisamente a naturalidade que eu te peço” [10].

Uma pessoa pode sentir-se sozinha e sem apoio nos seus melhores esforços. A tentação de desistir pode ser muito forte. Poderá parecer que o seu exemplo e o seu testemunho não servem para nada, mas não é assim: um fósforo pode não iluminar o quarto todo, mas todos os que estão ali podem vê-lo. Talvez muitas pessoas se sintam incapazes de imitar esse exemplo, porém sabem que querem segui-lo na medida do possível, e esse testemunho as estimula para isso.

Todos recordamos como o bom exemplo de outras pessoas ajudou-nos a melhorar. E, no entanto, é provável que muitos deles não saibam do efeito daquele exemplo sobre nós. Temos a responsabilidade grande de influenciar positivamente os outros. “Não podes destruir, com a tua negligência ou com o teu mau exemplo, as almas dos teus irmãos, os homens” [11]. Devemos falar, aconselhar, exortar, animar, mas sobretudo procurar que nossas palavras estejam apoiadas pelas nossas obras, pelo testemunho da nossa própria vida. É impossível conseguir sempre, e inclusive quase sempre, porém temos que querer ser uma ajuda para todos, e saber pedir perdão de coração se demos mau exemplo.

Uma luta de toda a vida

A abertura aos outros está muito unida ao nosso progresso numa tarefa que ocupará toda a nossa vida: reconhecer a soberba e lutar para ser mais humildes. A soberba se infiltra através das rachaduras mais surpreendentes das nossas relações com as pessoas. Se fosse evidente, seu aspecto seria repulsivo, e por isso uma de suas estratégias mais habituais é ocultar seu rosto, disfarçar-se. A soberba costuma esconder-se dentro de outra atitude aparentemente positiva, e contamina sutilmente. Depois, quando se torna forte, crescem suas manifestações

mais simples e primárias, próprias da personalidade imatura: a suscetibilidade a flor da pele, o contínuo falar de si mesmo, a vaidade e a afetação nos gestos e no modo de falar, as atitudes prepotentes ou cheias de si, junto à dificuldade profunda para perceber a própria debilidade.

A soberba umas vezes se disfarça de sabedoria, do que poderíamos chamar uma soberba intelectual que toma aparência de rigor. Outras, esconde-se atrás de um desejo apaixonado de justiça ou de defender a verdade, quando no fundo pulsa, sobretudo um sentimento de revanche, ou uma ortodoxia arrogante que atropela: uma vontade de precisar tudo, de julgar tudo. Trata-se de atitudes que, em vez de servir à verdade, se servem dela – de uma sombra dela – para alimentar o desejo de estar acima dos outros.

Do mesmo modo que não existe a saúde total e perfeita, também não podemos acabar completamente com as ciladas da soberba. Mas podemos detectá-la melhor, e não deixar que ganhe terreno em nós. Haverá ocasiões em que nos enganará, porque tende a nos encurralar: faz-nos evitar que os outros vejam nossos defeitos. Porém se nós não vemos seu rosto, oculto de diversas maneiras, talvez os outros possam vê-lo. Se formos capazes de ouvir a advertência fraterna, a crítica construtiva, será muito mais fácil desmascará-la. É preciso ser humilde para aceitar a ajuda dos outros. E também é preciso ser humilde para ajudar os outros sem humilhar.

A maturidade se manifesta, enfim, no “sadio preconceito psicológico’ de pensar habitualmente nos outros, esquecendo-te de ti mesmo, para aproximá-los de Deus” [12]. A personalidade que Deus quer para nós – e a qual todos aspiramos, mesmo que às vezes a busquemos em outro lugar – é a de quem chegou a ter “Um coração que ama, um coração que sofre, um coração que rejubila com os outros” [13].

[1] *Sir* 27, 6-7

[2] Papa Francisco, Discurso a estudantes de High School, 21 de Agosto de 2013

[3] *Prov* 15,31

[4] *Tg* 1,19

[5] *Sir* 22,8

[6] *Forja*, n. 455.

[7] *Prov* 12, 1.

[8] Cf. *Sab* 2, 10-20.

[9] São Josemaria, Carta a seus filhos da Holanda, 20-III-1964 (Cf. Vázquez de Prada, A. O Fundador do Opus Dei – III).

[10] *Caminho*, n. 380.

[11] Forja, n. 955.

[12] Forja, n. 861.

[13] Papa Francisco, Discurso, 17 de junho 2013.

[Voltar ao índice](#)

Empatia: Sentir com os outros

Todos experimentamos que, em muitas ocasiões, para assimilar bem o que acontece ao nosso redor, não basta que nos transmitam simplesmente dados objetivos. Por exemplo, se alguém interpreta uma peça musical para uns amigos, esperará ver como eles passam um momento agradável ao ouvir a mesma melodia de que ele gosta tanto. Pelo contrário, se os amigos se limitassem a dizer que a execução tinha sido correta, mas sem mostrarem o menor entusiasmo, então com certeza viria o desânimo, junto com a sensação de que, na realidade, não se possui talento.

Quantos problemas seriam evitados se procurássemos entender melhor o que acontece no interior dos outros, as suas expectativas e ideais. «Mais do que em “dar”, a caridade está em “compreender”»[1]. Para viver a caridade é preciso começar por reconhecer no outro alguém digno de consideração e colocar-se nas suas circunstâncias. Hoje costuma falar-se de empatia para nos referirmos à qualidade que facilita colocar-se no lugar dos outros, compreender a sua situação e ponderar os seus sentimentos. Unida à caridade, esta atitude contribui para fomentar a comunhão, a união de corações, como escreve São Pedro: «tende todos um só coração e uma só alma»[2].

Aprender de Cristo

Desde o início, os discípulos experimentaram a sensibilidade do Senhor, a sua capacidade de se colocar no lugar dos outros, a sua delicada compreensão do que sucedia no interior do coração humano, a sua finura para perceber a dor alheia. Ao chegar a Naim, sem nenhuma palavra, compreende o drama da viúva que perdeu o seu único filho[3]; ao ouvir a súplica de Jairo e o rumor das carpideiras, sabe consolar um e apaziguar os restantes[4]; tem consciência das necessidades dos que O seguem e preocupa-se por não terem o que comer[5]; chora com o pranto de Marta e de Maria diante do túmulo de Lázaro[6] e indigna-se diante da dureza de coração dos seus quando querem que desça fogo do céu para queimar a aldeia dos samaritanos que não os tinham recebido[7].

Com a sua vida, Jesus ensina-nos a ver os outros de um modo diferente, compartilhando os seus afetos, acompanhando-os nos seus sonhos e desencantos. Aprendemos d’Ele a interessar-nos pelo estado interior dos que nos rodeiam e com a ajuda da graça superamos progressivamente os defeitos que o impedem, como a distração, a impulsividade ou a frieza. Não há desculpa para desistir deste esforço. «Não pensemos que há de valer alguma coisa a nossa aparente virtude de santos, se não estiver unida às comuns virtudes de cristãos. Seria o mesmo que adornar-se com esplêndidas joias sobre roupa de baixo»[8]. A proximidade com o

Coração do Senhor ajudará a moldar o nosso de modo que nos enchamos dos sentimentos de Cristo Jesus.

Caridade, afabilidade e empatia

«A caridade de Cristo não é apenas um bom sentimento em relação ao próximo: não se detém no gosto pela filantropia. A caridade, infundida por Deus na alma, transforma por dentro a inteligência e a vontade; dá base sobrenatural à amizade e à alegria de fazer o bem»[9]. É bonito descobrir como os apóstolos, ao calor da sua relação com o Senhor, vão apaziguando os seus temperamentos, muito variados, que nalgumas ocasiões os levaram a manifestar-se pouco compassivos diante de outras pessoas. João, tão veemente que, com o seu irmão Tiago, mereceu o sobrenome de filho do trovão, mais tarde encher-se-á de mansidão e insistirá na necessidade de abrir-se ao próximo, de entregar-se aos outros como fez o próprio Cristo: «Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos»[10]. Também São Pedro, que antes tinha se mostrado duro perante os adversários de Jesus, dirige-se ao povo no Templo procurando a sua conversão, mas com palavras isentas de qualquer resto de amargura: «irmãos, sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos chefes (...). Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos para serem apagados os vossos pecados. Virão, assim, da parte do Senhor os tempos de refrigério»[11].

São Paulo oferece-nos outro exemplo, que depois de ter sido um terrível perseguidor dos cristãos, converte-se e põe ao serviço do Evangelho o seu gênio e o seu *gênio*: a sua mente clara e o seu caráter forte. Em Atenas, embora o seu espírito ferva de indignação diante da presença de tantos ídolos, procura criar empatia com os seus habitantes. Quando tem ocasião de dirigir-se a eles no Areópago, em vez de acusá-los pelo seu paganismo e depravação de costumes, apela à sua fome de Deus: «Homens de Atenas, em tudo vos vejo muitíssimo religiosos. Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei também um altar com esta inscrição: A um Deus desconhecido. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio!»[12]. Nesta atitude, que sabe compreender e motivar, descobrem-se os traços excepcionais de uma inteligência que integra e modula as suas emoções. Manifesta-se também a genialidade de uma pessoa que percebe a situação dos outros: escolhe um aspeto da sua sensibilidade, por menor que pareça, para sintonizar com os ouvintes, captar o seu interesse e levá-los para a verdade plena.

Caminhos para amar a verdade

Ao procurar ajudar os outros, a caridade e a mansidão guiar-nos-ão às razões do coração, que costumam abrir as portas da alma com maior facilidade do que uma argumentação fria ou distante. O amor de Deus impulsionar-nos-á a conservar um estilo amável, que mostre como a vida cristã é atrativa: «A verdadeira virtude não é triste nem antipática, mas amavelmente alegre»[13]. Saberemos descobrir o lado positivo de cada pessoa, pois amar a verdade implica reconhecer as marcas de Deus nos corações, por mais desfiguradas que pareçam estar.

A caridade faz com que, no convívio com amigos, colegas de trabalho, familiares, o cristão se mostre compreensivo com os que estão desorientados, às vezes porque não tiveram oportunidade de receber uma boa formação na fé, ou porque

não viram um bom exemplo encarnado da autêntica mensagem do Evangelho. Mantém-se, assim, uma disposição de empatia também quando os outros estão enganados: «Não compreendo a violência: não me parece apta nem para convencer nem para vencer; o erro se vence com a oração, com a graça de Deus, com o estudo; nunca com a força, sempre com a caridade»[14]. Temos de dizer a verdade com uma paciência constante – «veritatem facientes in caritate»[15] – sabendo estar ao lado de quem talvez esteja enganado, mas que, com um pouco de tempo, se poderá abrir à ação da graça. Esta atitude consiste muitas vezes, como indica o Papa Francisco, em «deter o passo, deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar o que ficou ao lado do caminho. Às vezes é como o pai do filho pródigo, que fica com as portas abertas para que, quando regresse, possa entrar sem dificuldade»[16].

Apostolado e comunhão de sentimentos

Alguns poderiam tentar reduzir a empatia a uma simples estratégia, como se fosse uma dessas técnicas que propõe um produto ao consumidor de tal modo que tem a sensação de que isso era justamente o que procurava. Embora isso possa ser válido no âmbito comercial, as relações interpessoais seguem outra lógica. A autêntica empatia implica sinceridade, é incompatível com uma conduta fingida, que esconde os próprios interesses.

Esta sinceridade é fundamental quando procuramos dar a conhecer o Senhor às pessoas com que convivemos. Fazendo próprios os sentimentos daqueles que Deus colocou ao nosso lado no caminho, temos a finura de caridade de nos alegrarmos com cada um deles e de sofrer também com cada um. «Quem fraqueja, que eu também não fraqueje? Quem tropeça, que eu não me incendeie?»[17] Quanto afeto sincero se descobre nesta carinhosa alusão de São Paulo aos cristãos de Corinto! É mais fácil que a verdade penetre através deste modo de partilhar sentimentos, porque se estabelece uma corrente de afetos – de afabilidade – que maximiza a comunicação. A alma torna-se assim mais receptiva ao que escuta, especialmente se se trata de um comentário construtivo que a anima a melhorar na sua vida espiritual.

«O mais importante na comunicação com o outro é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. A escuta ajuda-nos a encontrar o gesto e a palavra oportuna que nos desinstala da tranquila condição de espectadores»[18]. Quando a escuta é atenta, envolvemo-nos na realidade dos outros. Procuramos ajudar o outro a discernir qual é o passo que o Senhor lhe pede para dar nesse momento específico. É no momento em que o interlocutor percebe que a sua situação, opiniões e sentimentos são respeitados – mais do que isso: assumidos por quem o escuta – que abre os olhos da alma para contemplar o resplendor da verdade, a amabilidade da virtude.

Por contraste, a indiferença diante dos outros é uma doença grave para a alma apostólica. Não podemos ser distantes com os que nos rodeiam: «Essas pessoas, que te acham antipático, deixarão de pensar assim quando perceberem que “verdadeiramente” lhes queres bem. Depende de ti»[19]. A palavra compreensiva, os detalhes de serviço, a conversa amável, refletem um interesse sincero pelo bem daquelas pessoas com quem convivemos. Saberemos fazer-nos amar, abrindo as portas de uma amizade que partilha a maravilha da amizade com o Senhor.

Animar a caminhar

Papa Francisco adverte que «um bom acompanhante não consente fatalismos ou a pusilanimidade. Convida sempre a querer curar-se, a carregar a maca, a abraçar a cruz, a deixar tudo, a sair sempre de novo a anunciar o Evangelho»[20]. Ao responsabilizarmo-nos pelas debilidades dos outros, saberemos também animar a não ceder ao conformismo, a dilatar os seus horizontes para que continuem a aspirar à meta da santidade.

Ao agir deste modo, seguiremos o exemplo de profunda compreensão e amável exigência que nos deixou Nosso Senhor. Quando, na tarde do dia da Ressurreição, caminha ao lado dos discípulos de Emaús, pergunta-lhes: «O que andais conversando pelo caminho?»[21], e deixa que desabafem, manifestando o desapontamento que oprimia os seus corações e a dificuldade que tinham para acreditar que Jesus tinha realmente regressado à vida, como testemunhavam as santas mulheres. Só então o Senhor toma a palavra e lhes explica como «era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória»[22].

Como teria sido a conversa de Jesus, de que modo teria sabido responder às inquietações dos discípulos de Emaús, que no final Lhe dizem: «Fica conosco»[23]? E isso, apesar de que no início lhes censura a sua incapacidade de compreender o que os Profetas tinham anunciado[24]. Talvez fosse o tom de voz, o olhar carinhoso, que faria com que estes personagens se sentissem acolhidos, mas, ao mesmo tempo, convidados a mudar. Com a graça do Senhor, a nossa amizade também refletirá o apreço por cada pessoa, o conhecimento do seu mundo interior, que estimula a caminhar na vida cristã.

Javier Laínez

[1] São Josemaria Escrivá, *Caminho* n. 462.

[2] 1 Pe 3,8.

[3] Lc 7,11-17.

[4] Cf. Lc 8, 40-56; Mt 9, 18-26.

[5] Cf. Mt 15, 32.

[6] Cf. Jo 11, 35.

[7] Cf. Lc 9, 51-56.

[8] São Josemaria Escrivá, *Caminho* n. 409.

[9] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 71.

[10] 1 Jo 3,16.

[11] At 3, 17. 19-20.

[12] At 17, 23.

[13] São Josemaria Escrivá, *Caminho* n. 657.

[14] São Josemaria Escrivá, *Questões atuais do cristianismo*, n. 44

[15] *Ef* 4, 15 (Vg).

[16] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 46.

[17] *2 Cor* 11, 29.

[18] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 171.

[19] São Josemaria Escrivá, *Sulco* n. 734

[20] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 171.

[21] *Lc* 24, 17.

[22] *Lc* 24, 26.

[23] *Lc* 24, 29.

[24] Cf. *Lc* 24, 25.

[Voltar ao índice](#)

Crescer: um projeto em família (1)

É a cara da mãe! O mesmo sorriso, esse movimento da mão enquanto fala... Até o modo de andar... Muitas vezes ouvimos ou fazemos comentários desse tipo. Porque, de fato, tomamos muitos os aspectos da personalidade de nossos pais e irmãos, sem perceber. Alguns traços são herdados, como a cor dos olhos ou o temperamento, o modo de ser; outros, ao contrário, são forjados com a convivência, os confrontos diários, a formação: a vida.

As características da maturidade pessoal (que foram tratadas nesta série de artigos) precisam ser cultivadas e crescer no contexto familiar. Por isso, como é importante cuidar da família! É, deve ser, a terra boa onde se inicia, se desenvolve e acaba nosso caminho: “em todas as fases da vida, em cada situação e condição social, somos e permanecemos filhos” [1].

A oração de muitas pessoas se dirigiu de todos os lugares do mundo aos padres sinodais para que, unidos ao Papa e com as luzes do Espírito Santo, interpretassem com profundidade os desafios com os quais a família se enfrenta. Porém a responsabilidade sobre a instituição familiar, querida por Deus, concerne a todos nós, quer seja como pais ou irmãos... e, ao mesmo tempo, sempre como filhos. Vamos considerar nosso papel no lar em duas etapas: na primeira, neste artigo, refletiremos sobre o que faz a família ser única, e o “ofício” de pais e filhos. Em uma segunda parte, aprofundaremos na vida familiar e nos detalhes que a enchem de luz e de alegria.

Dar o melhor no lar é dar-lhe tudo

Cada um tem sua história, a marca que tantas situações, alegres ou dolorosas, deixaram na sua vida. O nosso passado também faz parte dos planos de Deus, que às vezes são misteriosos para nós. Há lares em que não houve um exemplo cristão, ainda que cedo ou tarde a figura de Cristo acabou por aparecer em um amigo, parente ou professor. Em muitas outras famílias o carinho e o esforço para educar na fé, estão presentes junto com os defeitos e limitações de pais e irmãos.

Não escolhemos nossos familiares, porém Deus sim que os escolheu: Ele contava não só com suas virtudes, mas também com seus defeitos, para fazer-nos cristãos. “E, na família – disto todos somos testemunhas –, os milagres fazem-se com o que há, com o que somos, com aquilo que a pessoa tem à mão. Muitas vezes não é o ideal, não é o que sonhamos, nem o que «deveria ser»” [2].

Todos – avós, pais, filhos, netos – estamos chamados a dar em cada momento o melhor de nós mesmos, com a ajuda de Deus, para que a família tenha uma ‘forma cristã’. Os pais também crescem com os filhos e, à medida que passam os

anos, os papéis na família podem mudar: o que empurrava antes, agora é levado, o que ia à frente deixa seu lugar aos que vem atrás. O lar, que é formado por todos em conjunto, é muito mais que do primeiro recurso para as necessidades elementares de nutrição, calor e vestuário. É, junto com tudo isso, o lugar em que se descobre a beleza dos autênticos valores humanos; do domínio de si e do respeito, tão necessário para as relações interpessoais[3]; da responsabilidade, da lealdade, do espírito de serviço. Todos estes valores se forjam a fogo lento, que requer um simples, porém forte sentido de pertença: a consciência de não ter sido simplesmente jogados no mundo, mas *acolhidos* desde o princípio numa pequena porção de mundo, não feita de terra, mas de carinho: uma família.

O próprio Deus “quis nascer numa família humana, que Ele mesmo formou. Forjou-a num longínquo povoado da periferia do Império romano (...).E poder-se-ia dizer: «Mas este Deus que vem para nos salvar perdeu trinta anos ali, naquela periferia de má fama?». Perdeu trinta anos! Ele quis que fosse assim” [4].

Saber que nos amam

Centenas de vezes por minuto se renova na terra o que aconteceu também conosco, quando nascemos: «alegria que sente de haver nascido um homem no mundo» [5]. Somos, sim, um a mais entre tantos que nasceram no mesmo dia que nós... E, contudo, somos únicos e queridos desde toda a eternidade: «Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário» [6].

Ninguém chega ao mundo por acaso, cada pessoa vale muito, vale tudo. Inclusive quem talvez não conheceu os seus pais, ou foi acolhido em adoção por uma família. «cada alma é um tesouro maravilhoso; cada homem é único, insubstituível. Cada um vale todo o sangue de Cristo» [7]. A nossos pais, sejam quem forem, com seus defeitos e suas dificuldades, devemos tanto! Eles sabem tudo o que Deus espera deles, e se esforçam para responder a essa chamada suave, mas exigente: «era criança abandonada e fostes para Mim uma família; era órfão e Me adotastes e educastes como um filho vosso» [8].

As mães sabem distinguir elementos do temperamento: qualidades do choro, do sono, da fome... dos seus filhos desde as primeiras semanas de vida. Depois vem o primeiro sorriso, que é como o nascimento da personalidade, e ao mesmo tempo um dos primeiros sinais visíveis dessa capacidade de imitação tão evidente nas crianças, que imitam tudo o que vem. Os pais são para os filhos uma fonte de segurança: é eloquente esse gesto tão comum do pequeno que se abraça às pernas do pai ou da mãe diante da chegada de um estranho. A partir desta segurança, a criança aprende a se comportar e a sair de si mesma, explorar o mundo e se abrir aos demais.

Não estamos totalmente determinados pelas circunstâncias do nosso nascimento e educação, mas para o crescimento harmônico da personalidade é decisivo que os filhos se saibam amados desde o primeiro momento na família para depois amar aos outros. O afeto e os cuidados – que incluem a exigência e fortaleza para ir polindo o egoísmo ao qual todos tendemos – ajudam-nos a perceber o seu próprio valor e o dos outros: esse amor terno e forte dos pais lhes dá a autoestima que lhes permitirá amar, sair de si mesmos.

Os laços de amor que nascem numa família cristã não se rompem nem com o fim da vida. Quando alguém perde os seus pais nos primeiros anos, a fé faz ver ao próprio Jesus, a Santa Maria ou a São José, como seus representantes na terra, em muitas ocasiões através de outras pessoas de coração grande. Seguindo os passos desta Sagrada Família, tentamos ser muito humanos e muito sobrenaturais[9] e mantemos a esperança de que um dia acontecerá o que escreveu Santa Teresa: «Parecia-me estar metida no Céu, e as primeiras pessoas que ali vi foi a meu pai e a minha mãe»[10].

A autorrealização autêntica

“Mamãe, você gostava de cozinhar? Lavar a roupa? Limpar a casa? Levar-nos ao colégio?”. Este interrogatório de uma filha à sua mãe, já idosa, recorda à boa mulher esses momentos em que as coisas não iam bem, o cansaço diante dos trabalhos do lar, os apuros econômicos e as preocupações com as febres altas de inverno que derrubavam os pequenos...; um prato lançado contra a parede num momento de impaciência... E responde, lacônica: “gostar..., não muito, mas sim os amava muito e vibrava ao vê-los crescer”. Quantas mães e pais se comportam assim! Muitos poderiam ganhar um prêmio, comenta o Papa, pois aprenderam a «resolver uma equação que nem os grandes matemáticos sabem solucionar: em vinte e quatro horas fazem caber o dobro (...). De 24 horas fazem 48: não sei como fazem mas movimentam-se e fazem-no!»[11].

Uma família, não perfeita, mas harmoniosa, distingue bem a identidade de cada um dos seus membros. A autoridade é dos pais, mas não a impõem. Sua meta não é domar os seus filhos, mas guiá-los para desenvolverem as suas potencialidades, com a luz e o exemplo do seu carinho. São responsáveis, tanto o pai como a mãe, pelo ambiente de família e para cada um a entrega mútua e aos filhos converte-se em caminho de crescimento pessoal.

A convivência familiar também ajuda a descobrir talentos nos que talvez não tenhamos reparado, mas que os outros valorizam: capacidade de ternura, fortaleza de ânimo, bom humor, etc. O amor à própria família faz que, mesmo no meio das dificuldades, cada um tire o melhor de si, o lado positivo do próprio caráter. E quando, por cansaço ou tensão, aparecer o pior, será o momento de pedir desculpas e recomeçar. «Reconhecer que erramos e desejar restituir o que tiramos – respeito, sinceridade, amor – torna-nos dignos do perdão. É assim que se impede a infecção (...). Muitas feridas dos afetos, muitas dilacerações nas famílias começam com a perda deste vocábulo precioso: “Desculpa”». [12]

A mulher poderá descobrir que as suas qualidades como mãe são insubstituíveis. O esforço para ser fiel a Deus nesta missão a levará a criar um ambiente acolhedor e apto para o crescimento pessoal, para o carinho e o respeito, para o sacrifício e para o dom de si mesmo. «A mulher está destinada a levar à família, à sociedade, à Igreja, algo de característico, que lhe é próprio e que só ela pode dar: sua delicada ternura, sua generosidade incansável, seu amor pelo concreto, sua agudeza de engenho, sua capacidade de intuição, sua piedade profunda e simples, sua tenacidade...» [13].

O pai também se descobre como guia para os seus filhos: ajuda-os a crescer, brinca com eles e deixa que o modo de ser de cada um se desenvolva. Um pai cristão sabe que sua família será sempre seu *negócio* principal, onde se realiza em

todas as suas dimensões. Por isso é preciso que esteja alerta perante os ritmos de vida muito intensos e estressantes, que distraem dos objetivos mais valiosos, e podem levar precisamente por isso a desequilíbrios psíquicos e a um prejuízo para as relações familiares.

Por isso é muito importante que os pais sejam próximos – sua ausência causa múltiplos problemas –, e que fomentem sempre o orgulho de transmitir aos filhos a sabedoria do coração![14]. Num lar «luminoso e alegre» [15], o pai vive e doa sua paternidade, a mãe vive e doa sua maternidade: qualidades complementares e insubstituíveis, capazes de encher o coração. E isto, independente de quantos filhos Deus enviar ao casal; e, se os filhos não chegarem, podem exercer uma paternidade e uma maternidade espiritual com outros membros da família e amigos.

A espera e o compromisso

«Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo» [16]. A estrutura básica dos povos, a paz das nações, se apoia no oferecimento livre, por amor, do homem e da mulher; na sua fidelidade a um sim que marca para sempre suas vidas.

Hoje é intensa a fome de aventuras. A oferta é múltipla: propostas variadas, intensas, breves, apaixonantes, como um mergulho no oceano, uma incursão ao teto do mundo ou um salto no vazio. O compromisso definitivo tem cores menos chamativas, porém sempre desperta admiração, porque fomos feitos para amar para sempre, e no fundo todas as outras coisas são passageiras. Um amor que não fosse para sempre, um sim com letra minúscula, não seria amor.

Na vida familiar é preciso suportar tempestades e crises, porém a fidelidade ao sim que fundou um lar pode ser sempre mais forte que todas elas: «o amor é forte como a morte» [17]. Grandes motivos fazem suportar grandes dificuldades; e aqui os motivos não são só uma ideia ou uma instituição: são, acima de tudo, pessoas. O sim do amor chega tão dentro do nosso ser que não podemos negá-lo sem destruir-nos.

É claro que todo grande projeto traz um grande risco, e muitos jovens hoje não se atrevem ao sim para sempre, por medo de errar. Porém é um erro ainda maior fechar as portas do amor ao qual o nosso coração está chamado. Por isso, trata-se de fortificar o coração, de fazê-lo crescer: esse é o sentido cristão do namoro, «um percurso de vida que deve maturar como a fruta, é um caminho de maturação no amor, até o momento que se torna matrimônio.»[18]. O melhor treinamento para esse sim, e o melhor *test* de sua solidez, é a capacidade de esperar, que a Igreja não se cansa de pedir aos namorados, embora às vezes não consigam entender os seus motivos: «Quem pretende tudo e imediatamente, depois também cede sobre tudo – e já – na primeira dificuldade (...). O namoro focaliza a vontade de preservar juntos algo que nunca deverá ser comprado ou vendido, atraído ou abandonado, por muito aliciadora que seja a oferta»[19].

Os filhos aprendem de pais que guardam juntos esse amor. São estes lares que dão os melhores cidadãos, dispostos a sacrificar-se pelo bem comum: trabalhadores honrados nas suas coisas e nas dos outros, professores entusiasmados, políticos coerentes, advogados justos, médicos abnegados, cozinheiros que fazem do prato uma obra de arte... Sob esta sombra crescem

novas mães e pais fiéis, e muitos que se entregam a Deus por completo para servir à família humana comum, numa vocação em que brilham também a maternidade e a paternidade.

Com o passar do tempo, a aventura prossegue: as paredes ficam pequenas, surgem novos lares, novos amores. Renasce o entusiasmo, a alegria de viver. Existe por isso «um vínculo estreito entre a esperança de um povo e a harmonia entre as gerações. A alegria dos filhos faz palpitar o coração dos pais e reabre o porvir»[20].

Wenceslao Vial

[1] Francisco, *Audiência*, 18-III-2015.

[2] Francisco, *Homilia*, 6-VII-2015.

[3] Cf. João Paulo II, *Familiaris consortio*, 22-XI-1981, n. 66.

[4] Francisco, *Audiência*, 17-XII-2014.

[5] *Jo* 16, 21.

[6] Bento XVI, *Homilia no início do ministério petrino*, 24-IV-2005.

[7] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 80.

[8] João Paulo II, *Carta às famílias*, 2-II-94, n. 22.

[9] Cf. *Forja*, n. 290.

[10] Santa Teresa, *Livro da vida*, cap. 38.

[11] Francisco, *Audiência*, 26-VIII-2015.

[12] Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.

[13] *Questões atuais do cristianismo*, n. 87.

[14] Cfr. Francisco, *Audiências*, 28-I-2015 e 4-II-2015.

[15] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 78.

[16] Francisco, *Audiência*, 18-II-2015.

[17] *Ct* 8,6.

[18] Francisco, *Audiência*, 27-V-2015.

[19] Francisco, *Audiência*, 27-V-2015.

[20] Francisco, *Audiência*, 11-II-2015.

[Voltar ao índice](#)

Crescer: um projeto em família (2)

Crepita o fogo na lareira durante uma conversa animada sobre uma antiga batalha. Então um dos interlocutores tem uma saída surpreendente: «Creio que há vitórias e lutas silenciosas, grandes sacrifícios próprios e atos de nobre heroísmo (mesmo em muitas de suas aparentes ligeirezas e contradições) não menos difíceis de conseguir, porque não tem crônica nem público terrenos, mas que se realizam todos os dias nos mais afastados lugares, nas pequenas famílias e nos corações dos homens e das mulheres. Qualquer deles poderia reconciliar o homem mais exigente com o mundo e enchê-lo de fé e de esperança nele»[1].

O futuro do mundo não se forja só em grandes decisões internacionais, por decisivas que sejam. Decide-se, sobretudo nesse esforço cotidiano, no «amor paciente»[2] que é a tarefa discreta de avós, pais e filhos. O projeto de crescer – um crescer, sobretudo «para dentro»[3] – que acompanha cada pessoa ao longo de sua vida, é necessariamente um trabalho de equipe: todos juntos, *ao passo de Deus* e com seu alento nas velas da alma.

Respirar um mesmo ar

Em uma família onde se respira ar cristão, dividem-se tarefas, preocupações, triunfos e fracassos. Tudo é de todos e, ao mesmo tempo, respeita-se o de cada um: os filhos aprendem a ser eles mesmos, porém sem isolar-se nos próprios gostos e preferências. No lar se valorizam as coisas que unem, que são como o ar que permite a cada um respirar a vontade, encher os pulmões e desenvolver-se.

Nesta tarefa de manter o ar de família, todos são importantes, até os mais novos. Por isso convém ir dando aos filhos pequenas responsabilidades, de acordo com a idade, que os levem a sair de si mesmos, a descobrir que a casa funciona porque todos colaboram: regar uma planta, pôr a mesa, fazer a cama e arrumar o próprio quarto, cuidar de outro irmão menor, fazer compras... Pouco a pouco começam a participar nas decisões: os planos familiares não são impostos, e sim apresentados de forma atraente. Assim ninguém fica sozinho e se cultivam formas de ser abertas, generosas, com preocupação pelo mundo e pelas outras pessoas.

O afeto leva a sincronizar as vidas, a compartilhar com os outros os novos capítulos da própria “série”. Ter momentos de descanso em comum ajuda muito nisto: atividades que unem e que permitem desfrutar de tantas coisas boas. Quando a dor se apresenta, a caridade – carinho sobrenatural – move-nos a dividir o peso: «levai uns as cargas dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo»[4]. Ninguém pode viver como estranho na própria casa; é imprescindível ter iniciativa, levantar a vista e prestar atenção aos outros: gostos, planos, amizades, trabalho, preocupações... São coisas que requerem tempo, que é

precisamente o melhor que um pai pode dar aos seus filhos, e que os filhos podem dar a seus pais.

Numa família cristã há também disciplina, porém amável: assim os filhos aprendem com gosto e pouco a pouco, com o exemplo dos mais velhos. A correção vai acompanhada de bons modos, que refletem o afeto; além disso, se explicam os porquês, e se procura «não derramarmos sobre os outros o fel do nosso mau humor»[5]. Em algumas ocasiões, deve-se ser especialmente claros, porém os pais não esqueçam que as virtudes e os valores se fixam quando os filhos os veem encarnados em suas próprias vidas. A fortaleza, a temperança, o pudor, a modéstia, vividas no dia a dia, são apresentadas para eles como bens autênticos: tornam-se conaturais, como o ar que respiram. Isto vale também para a formação da afetividade: os pais que exteriorizam seu carinho mútuo nos detalhes mais simples da convivência – sem as manifestações de afeto que devem ficar na intimidade dos esposos – introduzem facilmente os filhos no mistério do verdadeiro amor entre um homem e uma mulher.

« Se tivesse que dar um conselho aos pais, dir-lhes-ia sobretudo o seguinte: que os vossos filhos vejam - não alimenteis ilusões, eles percebem tudo desde crianças e tudo julgam - que procurais viver de acordo com a vossa fé, que Deus não está apenas nos vossos lábios, que está nas vossas obras, que vos esforçais por ser sinceros e leais, que vos quereis e os quereis de verdade»[6].

Obrigado, por favor, perdão

Em um lar «luminoso e alegre»[7] há um trato simples e confiado. E ao mesmo tempo, a proximidade não leva à indelicadeza nem à insolência. Todos temos defeitos, podemos falhar e ferir; porém possuímos a capacidade de não dar importância às incompreensões e mal-entendidos, sem guardar rancor. Em qualquer nível, de pais a filhos, de filhos a pais ou entre irmãos, temos que reparar no positivo, no que une. Como em qualquer convivência, às vezes surgirão discussões ou brigas, porém vale a pena terminar o dia reconciliados: é o momento de colocar em prática o ensinamento de Cristo de não pôr limites ao perdão[8]. Além disso, pedir desculpas amadurece a própria alma e a de quem recebe ou presencia um pedido de desculpas sincero. «Escutai bem: discutiram mulher e marido? Os filhos com os pais? Haveis discutido fortemente? Não é bom, porém não é este o problema autêntico. O problema é que este sentimento esteja presente até o dia seguinte. «Por isso, se brigastes, nunca termineis o dia sem fazer as pazes em família»[9].

Quem ama de verdade, sabe compreender e desculpar; ou melhor: precisa disso. E da família, exporta para o mundo esse ambiente. Para transformar a selva, começamos por nosso jardim, pela «ecologia da vida de cada dia», que se manifesta «no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro»[10]. A família é «o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir *licença* sem servilismo, a dizer «*obrigado*» como expressão duma sentida valorização das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir *desculpa* quando fazemos algo de mal»[11].

Esta atitude nos ajuda a relativizar os problemas da convivência, e a descartar a ideia de que em outras circunstâncias tudo seria mais simples. Geralmente é mais

fácil julgar positivamente as pessoas que não convivem conosco. Inclusive as pessoas com o psicológico equilibrado tendem a idealizar o bom dos amigos e conhecidos, e a pôr os defeitos e erros dos familiares mais próximos em primeiro plano. Contudo, é tão necessário conhecer e remediar esses preconceitos! Nem o sorriso e amabilidade de quem vemos muito de vez em quando é sempre assim; nem aquele comentário desagradável de um irmão ou irmã, depois de um mal dia ou má noite, reflete toda sua forma de ser, ou indica a opinião que têm de nós. Além disso, é bom saber que quando há mais confiança com alguém é lógico que se baixe um pouco a guarda e surjam mais facilmente desabafos, numa ou noutra direção; parte do carinho consiste então em compreender[12]; em ser, se for preciso, lenço de lágrimas.

As etapas do desenvolvimento, com as suas respectivas crises, são momentos que requerem paciência, porque a maturidade quase nunca chega de repente. Especialmente a adolescência, mais ou menos prolongada, afeta o ambiente do lar e algumas vezes traz discórdias e maior nervosismo em adultos e crianças. Mas o tempo passa e, se a crise foi bem encaminhada, a família sai fortalecida dela: as águas não só voltam ao seu curso, como se tornam mais fortes e saudáveis.

É normal que, ao chegar à adolescência, os filhos necessitem espaços de liberdade, formar seu próprio núcleo de amizades, aprender a voar sozinhos. Os pais continuarão sendo o referencial, apesar de a vivacidade juvenil não querer aceitá-lo. Por isso é importante não aparecerem só como a “autoridade”, mas fomentar também uma relação de amizade e cheia de confiança. Os pais animam a tomar decisões e mostram os obstáculos; apontam tanto as rochas que podem encontrar ao *navegar* como o farol ao qual vale a pena dirigir-se. E isto se transmite mais com o exemplo do que com muitas palavras ou regras, mesmo que logicamente algumas sejam necessárias.

Em todo caso, é preciso confiar nos filhos, porque só em um clima de confiança cresce a liberdade. É preferível, dizia São Josemaria, que os pais «se deixem enganar uma vez ou outra: a confiança que se deposita nos filhos faz com que estes se envergonhem de haver abusado e se corrijam; em contrapartida, se não têm liberdade, se veem que não confiam neles, sentir-se-ão com vontade de enganar sempre»[13].

Uma família que reza unida permanece unida

Na família também se aprende a tratar com Deus: se aprende a rezar. Como São Josemaria apreciava as orações aprendidas da sua mãe! «Sem as mães, não somente não haveria novos fiéis, mas a fé perderia boa parte do seu calor simples e profundo»[14]. O habitual é que os pais ensinem aos filhos a ler esta partitura. No entanto, muitas vezes, se produz uma inversão de papéis, e a Providência se serve dos filhos para que o papai ou a mamãe descubram a esplêndida melodia da fé.

Em muitas ocasiões será possível e útil rezar todos juntos, lembrando que «a família que reza unida, permanece unida»[15]. A piedade transparente e sincera ilumina para dentro e para fora de casa, e vai se trançando com as ocupações diárias. Não importa que às vezes surjam distrações: os filhos que vão de um lado a outro, as múltiplas tarefas do lar... Quando fazemos o que podemos, essas distrações não geram dissonância, mas também ressoam no céu.

De pais fiéis surgem novos pais fiéis, e também muitos que, aceitando o convite de Deus, seguem um caminho vocacional no celibato. Nem o amor a outra pessoa nem o amor a Deus competem com o afeto de nossa família, mas o aumentam. Sempre, em cada momento da vida, corre por nossas veias o mesmo sangue: estamos unidos, a pesar de que possam existir distâncias, compromissos e múltiplas obrigações. Um sinal de maturidade é precisamente a capacidade, que se aprende com o tempo, de combinar os deveres que provém do lar que formamos com o cultivo do carinho filial e fraterno para com a família de origem. Contamos com sua oração para nossa missão na vida, e nós os apoiamos com a nossa. Não se trata de um mero prêmio de consolação: «um irmão ajudado por seu irmão é praça forte e alta, forte como muralha real»[16].

Do lar para a “periferia”

As grandes frentes de batalha da família não terminam nela mesma. Do mesmo modo que seria impossível amadurecer centrando-se em si mesmo, a vida familiar cresce abrindo-se para o exterior. Um lar cristão tem, sim, portas que protegem a intimidade, que dão o ambiente adequado para o crescimento, mas que não asfixiam nem tapam os olhos.

Por isso, a solidariedade é parte importante da missão das famílias cristãs: sair, com criatividade, ao encontro dos mais necessitados, buscar o desenvolvimento da cultura e a educação para todos, o cuidado da terra como casa comum... As necessidades são muito variadas e muitas vezes não coincidem com as prioridades que algumas ideologias ou grupos minoritários lançam à agenda do mundo. Que grandes exemplos vimos de lares que saem ao encontro de imigrantes sem teto; de famílias numerosas que recebem um novo filho; de pais que se sacrificam pelos seus filhos e pelos filhos dos outros, superando os problemas com heroísmo; de casais sem filhos que dedicam sua vida a ajudar outras famílias.

E o melhor é que “tudo fica em casa”: os primeiros a ganhar com essas iniciativas são os do próprio lar. E de casa para o mundo: a família, escola de amor gratuito e sincero, é «o antídoto mais forte contra o propagar-se do individualismo egoísta»[17]. Quem cresceu com «o “sadio preconceito psicológico” de pensar habitualmente nos outros»[18] disfruta ouvindo, compreendendo, convivendo, resolvendo as necessidades concretas de seus irmãos os homens.

As famílias não estão sozinhas

O panorama das famílias, seu papel na Igreja e no mundo, é apaixonante. Ao mesmo tempo, todos percebem as dificuldades que atravessam. Porém as famílias não estão sozinhas: muita gente boa dedica tempo e energias para ajudar aos pais em sua tarefa de formação. Colégios, clubes juvenis e tantas outras iniciativas, são um apoio às vezes decisivo para o cuidado dos jovens, dos idosos. A ajuda nas tarefas do lar, não exclusivas da mãe, é outra coluna dos lares cristãos: por isso, São Josemaria dizia às pessoas que se dedicam a transmitir a sua ciência e experiência neste campo que têm «mais eficácia educativa do que muitos catedráticos de universidade»[19].

O que dizer, por fim, quando apesar dos esforços fica a impressão de que se poderia ter feito mais? Muitos pais que procuram educar os filhos o melhor possível, o melhor que sabem, os veem depois com problemas materiais e

espirituais, sem fé ou com vidas desordenadas. Além de continuar aprofundando para prevenir e melhorar, se esta situação chegar, é o momento de imitar o Pai da parábola que, sem forçar a liberdade do filho, vai ao encontro dele, disponível para ajudá-lo assim que der um sinal de querer corrigir-se[20]. É o momento de recorrer mais ao Céu, talvez dizendo: meu Deus, agora é a sua vez. «Os pais devem ser pacientes. Muitas vezes nada se pode fazer, a não ser esperar; rezar e esperar com paciência, doçura, generosidade e misericórdia»[21].

Wenceslao Vial

[1] Dickens, Charles, *The Battle of Life*.

[2] Francisco, *Homilia*, 27-X-2013.

[3] São Josemaria, *Caminho*, n. 294.

[4] *Gal* 6, 2.

[5] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 174.

[6] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 28.

[7] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 78.

[8] Cfr. *Mt* 18, 21-22.

[9] Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.

[10] Francisco, *Laudato si'* n. 147; cfr. *Audiência geral*, 13-V-15.

[11] Francisco, *Laudato si'*, n. 213.

[12] Cfr. *Caminho*, n. 463.

[13] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 100.

[14] Francisco, *Audiência*, 7-I-2015.

[15] São João Paulo II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, n. 41.

[16] *Prov* 18,19.

[17] Francisco, *Audiência*, 7-I-2015.

[18] São Josemaria, *Forja*, n. 861.

[19] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 88.

[20] Cfr. *Lc* 15,20.

[21] Francisco, *Audiência*, 4-II-2015.

[Voltar ao índice](#)

Os outros e eu: versos do mesmo poema

“Deus viu que era bom!”[1] Sobre o fundo desse estribilho, que envolve todo o primeiro relato da criação do mundo, é apresentado “o pensamento de Deus, quase o sentimento de Deus (...) que observa Adão sozinho no jardim: é livre, é senhor... mas está sozinho. E Deus vê que isto ‘não é bom’”[2]. A solidão do homem é como uma peça que não encaixa no projeto da criação. Quando finalmente o Senhor lhe apresenta a Eva, que é osso de seus ossos e carne de sua carne[3], Adão se liberta de uma estranha melancolia que ele mesmo não conseguia explicar. Agora sim pode dizer com Deus que “tudo é bom”: confirmado na sua vocação ao encontro com *outros como ele*, o mundo deixa de ser um lugar inóspito.

Viver com os outros melhora a nossa personalidade, mas ficaríamos muito aquém se nos limitássemos a essa constatação. Necessitamos dos outros, e eles necessitam de nós: nunca estão sobrando. São a terra a que sempre pertencemos, e a partir da qual Deus nos chama a receber e a acolher a todos. Porque temos uma história, uma família, uma vizinhança, uma cultura, cada um de nós é lar – lugar de acolhida – e pode criar um ambiente de lar ali e aonde for. Porque temos casa, podemos ver o mundo como casa: como nosso lar e, ao mesmo tempo, como “a grande casa comum”[4]. O carinho às nossas raízes, o cultivo sereno do nosso modo de ser... tudo isso nos permite amar e ser amados, acolher e ser acolhidos.

Com os outros e para os outros

Uma das experiências fundamentais de nossa vida é que contaram conosco: alguém cuidou de nós, nos levou para a frente. Cada um é um ser “recebido”, ninguém cresce só e ninguém, na realidade, está só, mesmo que algumas vidas de fato se desenvolvam assim. A desestruturação familiar e, como consequência, o abandono em que vivem muitas crianças, não fazem desse princípio antropológico fundamental uma ideia bonita, mas inútil. Há muitas pessoas que cresceram em ambientes hostis e ficaram prejudicadas pela carência de amor, que também por isso são sensíveis ao afeto e podem converter-se em *terra de acolhida* para os outros. Quem sofreu muito pode amar muito.

“Nenhuma vida humana é uma vida isolada, mas entrelaça-se com as outras vidas. Nenhuma pessoa é um verso solto: fazemos todos parte de um mesmo poema divino”[5].

Os outros não estão simplesmente por aí afora, como uma pedra junto ao caminho: nos pertencem e lhes pertencemos, mais intimamente do que podemos pensar. O entenderemos plenamente no céu, ainda que na terra seja possível vislumbrá-lo, se se vive perto de Deus e daqueles que nos rodeiam. Esse mútuo

pertencer-se tem duas implicações de grande alcance: os outros se apoiam em mim, e eu posso e devo apoiar-me neles.

Amar e deixar-se amar: o caminho sempre aberto da maturidade passa por incorporar à própria vida esses dois aspectos do nosso “ser com os outros e para os outros”[6].

A adolescência é o primeiro momento em que este desafio emerge de modo claro. Antes disso os pais modelaram o coração de quem agora começa a andar por conta própria. Mesmo que quase tudo tenha conserto, esse trabalho prévio dos pais define em boa medida nosso olhar para o mundo, e o que o deslumbra.

O adolescente tende facilmente a escolher modelos diferentes dos seus pais, porque começa a notar a necessidade de afirmar-se. Nutre sentimentos ambivalentes: junto à percepção da própria dependência, sente uma sede de emancipação, e por isso o amor aos pais convive com uma espécie de rejeição ao próprio lar. É um principiante, mas quer convencer-se de que tem segurança, busca distinguir-se, mas ao mesmo tempo quer pertencer a um grupo. Trata-se de um momento difícil para o interessado e para os seus pais, mas para além das manifestações um pouco extravagantes deste desejo de singularizar-se, o verdadeiro fundo do que acontece ao adolescente é que está ampliando o sentido de si mesmo.

Se é característico da infância referir tudo ao próprio *eu*, com a chegada progressiva da maturidade o eu se estende, se abre aos outros: se começa a perceber o desejo – e a responsabilidade – de fazer contribuições pessoais, se descobre que os outros têm seus interesses e esperanças. “Os outros existem”: precisamente um sinal claro de imaturidade consiste na incapacidade de encarar essa nova exigência da vida. A superproteção por parte dos pais – um carinho mal entendido, um excessivo zelo por poupar dificuldades e incomodidades – pode gerar esse traço de personalidade. Mais adiante se descobre esse rastro, por exemplo, em pais ou mães que vivem para seus trabalhos, suas atividades, suas amizades, sua forma física, e que não se preocupam com a educação de seus filhos; proprietários que não só se desentendem dos seus vizinhos, mas que fazem impossível a deliberação pacífica dos assuntos; pessoas que acumulam reclamações para convencer-se de que os conflitos são sempre culpa dos outros.

Os dons são para servir

Nos devemos aos outros. Esta é uma convicção que, purificada de um possível servilismo ou de ingenuidade, denota maturidade. Significa que em certo sentido “meu tempo não é meu”, porque os outros precisam de mim. O descanso, a diversão, a formação cultural e profissional adquirem então uma perspectiva mais ampla: a fronteira entre o meu e o dos outros perde a nitidez, sem que isto suponha evasão da própria responsabilidade, nem invasão da liberdade alheia. Trata-se de um enfoque natural para um cristão: “Se o Senhor te deu uma boa qualidade – ou uma habilidade –, não é apenas para que nela te deleites, ou para que te pavoneies, mas para que a desenvolvas com caridade a serviço do próximo”[7].

O egoísmo nos coloca fora da realidade: nos faz esquecer que tudo em nossa vida é dom. “Que tens que não tenhas recebido? Mas, se recebeste tudo que tens, por que, então, te glorias, como se não o tivesses recebido?”[8]. Se tudo o que temos é

dom, com maior razão o são os outros. E, no entanto, às vezes vivemos como se não existissem, ou lhes submetemos de modos sutis a nosso critério ou a nossos interesses: mais que receber-lhes, nos apropriamos deles.

“Cada pessoa tende a preparar para si uma espécie de estojo muito cômodo, onde se fecha, e os outros, problema deles”[9]. Essa tendência a fazer girar o mundo ao redor do nosso eu é um princípio de imaturidade no qual sempre temos que ir ganhando terreno serenamente. Concebemos então o projeto da nossa vida não como uma obra individual, mas como uma abertura à felicidade de todos. Descobrimos e redescobrimos, assim, que a verdadeira realização não é nunca uma mera “autorrealização”. “Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade. Isto não é senão um lento suicídio.(...) Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar”[10].

É um fato que, em qualquer grupo humano, cada um se envolve até onde quer, porque há muitas coisas do dia a dia que não se podem combinar nem prever com antecedência. As famílias e as sociedades vão para frente graças a esses esforços gratuitos. Desvelos de pessoas que, às vezes rodeadas pela apatia dos que preferem não complicar a sua vida, entendem que outros dedicaram tempo vendo-as crescer no corpo e na alma, e sabem que estão chamadas a essa mesma lógica, a única que verdadeiramente liberta: pais e mães de família, filhos que cuidam dos seus pais, estudantes que ajudam os seus companheiros com dificuldades, trabalhadores que enfrentam problemas dos quais ninguém quer saber. “Quando tiveres terminado o teu trabalho, faz o do teu irmão, ajudando-o, por Cristo, com tal delicadeza e naturalidade, que nem mesmo o favorecido repare que estás fazendo mais do que em justiça deves. – Isso, sim, é fina virtude de filho de Deus!”[11]

Evidentemente, este modo de ver a vida não se confunde com o servilismo de quem se **dedica** a fazer todas as tarefas, sem ajudar os outros a exigir-se, nem com a ingenuidade de quem permite que se aproveitem de suas boas intenções. Servir não significa sempre fazer coisas: implica, sobretudo ajudar os outros a crescer, e isto leva também a deixar espaço à responsabilidade que têm.

Proximidade

A vida moderna tende a prever soluções técnicas para quase todos os problemas, ocultando às vezes o calor humano da ajuda mútua. No entanto, diante de situações que sacodem a nossa segurança, como por exemplo, um desastre natural ou um acidente, se manifesta espontaneamente uma solidariedade, um sentido de comunidade que jazia sob as exigências da rotina cotidiana... Surgem de novo as coisas que unem, despertam como de um encantamento: se volta ao essencial. A mesma coisa acontece em menor escala, com baques pessoais como a morte ou a doença de uma pessoa querida, ou com episódios do trato diário que, por nossas próprias circunstâncias, podem adquirir um relevo importante: por exemplo, quando uma pessoa nos fez notar, inclusive sutilmente, a “amargura da indiferença”[12], frio que gela a alma, ou, ao contrário, quando percebemos o calor de um interesse sincero por nós... A alma então desperta para o que é verdadeiramente importante: acolher.

“Era peregrino e me acolhestes”[13]. Todos somos em certo modo peregrinos, e esperamos ser acolhidos: que nos confortem, nos escutem, nos olhem na cara. Maturidade significa adquirir essa sensibilidade para com os outros, e também, às vezes, passar por cima da falta de sensibilidade do outro, mesmo que possamos sofrer com isso. Em algumas ocasiões convirá aconselhar ao que erra, fazendo-o ver seu pouco tato. Outras vezes, a melhor pedagogia será o contágio: a delicadeza, cedo ou tarde, desperta a sensibilidade do mais grosseiro.

Essa sensibilidade também impulsiona as pessoas a ter iniciativas que se concretizem ao seu redor mais próximo, ocupando-se por exemplo de “um lugar público (um edifício, uma fonte, um monumento abandonado, uma paisagem, uma praça) para proteger, sanar, melhorar ou embelezar algo que é de todos. Ao seu redor, desenvolvem-se ou recuperam-se vínculos, fazendo surgir um novo tecido social local. Assim, uma comunidade liberta-se da indiferença consumista. (...) Desta forma cuida-se do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres, com um sentido de solidariedade que é, ao mesmo tempo, consciência de habitar numa casa comum que Deus nos confiou”[14].

A maturidade que implica essa proximidade dos outros é diferente da facilidade para se relacionar que é própria das pessoas loquazes ou extrovertidas. Trata-se, sobretudo de saber *estar*: observar, escutar, acolher, aprender de todos. Especialmente em uma época na qual as tecnologias de comunicação permitem relacionar-se com muita gente, faz-se necessário redescobrir a força do estar genuíno, da presença pessoal. Um *smartphone* pode nos permitir contactar imediatamente a qualquer um, mas não por isso nos faz mais próximos. No âmbito virtual, um indivíduo dispõe daqueles que são seus “vizinhos”, seus “amigos”, e paradoxalmente isso pode fazer-nos perder de vista os que a vida põe a nosso lado. Ainda que se tenha tornado algo habitual, não deixa de ser desoladora a imagem de um grupo de pessoas juntas que, em lugar de falar entre si, *gerenciam* suas respectivas mensagens e perfis: a comunicação virtual absorve então a comunicação real. Quase sem percebermos, podemos viver pendentes de ver se alguém se lembrou de nós, em vez de pensar: quem está ao meu lado precisa de mim! E o melhor que posso dar-lhe é minha proximidade. Precisamente essa opção pela presença pessoal, na qual nos expomos ao contato direto, à realidade sem filtros, nos faz crescer em humanidade, nos desperta uma vez mais ao verdadeiramente importante. Pensar nos outros, rezar por eles, nos leva a viver para eles. “Só assim se vive a vida de Jesus Cristo e nos fazemos uma só coisa com Ele”[15].

Carlos Ayxelá

[1] Cfr. Gn 1, 10.12.18.21.25. O versículo 31 aponta: “Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom”.

[2] Papa Francisco, Audiência, 22-IV-2015. Cfr. Gn 2, 18.

[3] Cfr. Gn 2,23

[4] Papa Francisco, Enc. Laudato Si’ (24-V-2015), n. 13.

[5] *É Cristo que passa*, n. 111.

[6] Papa Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-IX-2013), N. 273.

[7] São Josemaria, *Sulco*, n. 422.

[8] 1 Cor 4, 7.

[9] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 21-X-1973 (AGP, biblioteca, P01, 1974, p. 319).

[10] Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, nn. 272-273.

[11] São Josemaria, *Caminho*, n. 440.

[12] São Josemaria, Carta 11-III-1940, n. 7.

[13] *Mt* 25, 35.

[14] Francisco, *Laudato si'*, n. 232.

[15] São Josemaria, *Via Sacra*, XIV estação.

[Voltar ao índice](#)

www.opusdei.org